

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA

MARCUS RODNEY PORTELA CYSNE

A MONOTONGAÇÃO DO
DITONGO /ej/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA



FORTALEZA – CEARÁ

2016

MARCUS RODNEY PORTELA CYSNE

**A MONOTONGAÇÃO DO
DITONGO /ej/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aluíza Alves de Araújo.

FORTALEZA – CEARÁ

2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas**

Cysne, Marcus Rodney Portela.

A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza [recurso eletrônico] / Marcus Rodney Portela Cysne. – 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol. CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo.

1. Monotongação. 2. Sociolinguística Variacionista. I. Título

MARCUS RODNEY PORTELA CYSNE

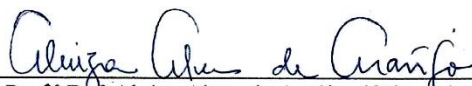
**A MONOTONGAÇÃO DO
DITONGO /ej/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

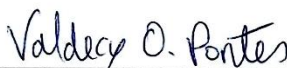
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 28/01/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo. (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará- UFC



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao meu filho Arthur Amorim Portela Cunto.

À minha esposa Laécia Gretha Amorim Portela.

Aos meus pais Luiz Carlos Cysne e Maria do Rosário de Fátima Portela Cysne.

A todos os meus familiares que torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, que me guiou e me acalmou nos momentos em que pensei não conseguir vencer.

Aos meus pais, Luiz Carlos Cysne e Fátima Portela Cysne, por terem sempre me instruído no bom caminho, incentivando-me e proporcionando-me as condições para a conquista dos meus objetivos.

A minha adorável, dedicada e incentivadora esposa, Laécia Amorim Portela, que mesmo trabalhando e fazendo o seu doutorado, assumiu muitas responsabilidades da casa e do nosso filho para que eu tivesse a tranquilidade e a dedicação impostas pelo mestrado.

Ao nosso filho Arthur Amorim Portela Cunto, que desde de novinho, com seu sorriso, sua motivação de criança e seu interesse pelas letras e números me ensinou a ser pai dedicado, assim como incentivou cada dia que dediquei a esse trabalho.

A minha profa. orientadora Dra. Aluíza Alves de Araújo, com quem tive o primeiro contato ainda na disciplina de sociolinguística na graduação, que acreditou em minha capacidade e me deu a oportunidade de prosseguir nos estudos pós-graduados e com quem pude contar em todos os momentos do mestrado, disponibilizando-me material de estudo, auxiliando-me na revisão de texto e no manuseio do programa estatístico GoldVarb X, pois sem sua ajuda eu não teria conseguido avançar, tudo sempre com muito humor, seriedade e dedicação.

Aos professores Dr. Valdecy de Oliveira Pontes da IES/UFC e Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho da IES/UECE, por aceitarem participar da banca de defesa e contribuírem com suas análises, observações e sugestões para a conclusão exitosa desta dissertação,

Aos professores Dr. Márcio Santiago, da Universidade Federal do Ceará, e Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes do Posla/UECE pelas valiosas contribuições na minha qualificação.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, em nome do Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho e aos funcionários sempre solícitos.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

A minha irmã, Carla Portela Cysne, que, na distância do Canadá, torce, reza e confia na minha conquista deste título.

À minha avó paterna, Ivinécia Cunto Cysne, por poder presenciar a minha vitória e aos meus avós que já se foram, mas que me deixaram o legado de seus ensinamentos.

Aos meus tios e padrinhos Jaime Cunto Machado e Maria Aparecida Damasceno, por estarem sempre preocupados e interessados no meu êxito profissional e intelectual.

Esperei ansiosamente pelo SENHOR, e ele se inclinou para mim e ouviu o meu clamor." (**Salmo 40:1**)

Toda língua muda e varia. O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua. (MARCOS BAGNO 2000, p.143)

“O serviço mais útil que os linguistas podem prestar hoje é varrer a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos padrão e não – padrão”¹. (WILLIAM LABOV, 1972, p. 202) (Tradução nossa).

¹ The most useful service which linguists can perform today is to clear away the illusion of verbal deprivation and to provide a more adequate notion of the relations between standard and nonstandard dialects.

RESUMO

A monotongação é um fenômeno linguístico muito produtivo no português oral brasileiro, em que ocorre a redução de um ditongo a uma vogal simples. No intuito de contribuir com a descrição do português atual, este estudo teve o objetivo de descrever e analisar a realização variável do ditongo oral decrescente /ej/ no falar popular do fortalezense, como observado em: peixe~pexe, com base na abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006). Para averiguar-se como ocorre a monotongação do ditongo /ej/ na norma popular da cidade de Fortaleza - Ceará, recorreu-se a uma amostra de 54 informantes, extraída do *corpus* do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) (ARAÚJO, 2011). Deste banco de dados, analisamos, dentre os seus três tipos de registro: Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogo entre dois informantes (D2) e Elocução Formal (EF), apenas o primeiro tipo. Para a análise estatística dos dados, foi utilizado o programa computacional GOLDVARB X (2005), responsável pelo cálculo da influência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Do total de 1491 dados analisados, 1020 (68%) favoreceram a monotongação de /ej/, ao passo que 471 (32%) mantiveram o ditongo. Foram selecionados para serem analisados pelo programa estatístico nove fatores: seis linguísticos (contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e classe de palavras) e três sociais (sexo, escolaridade e faixa etária). Os resultados da quarta rodada (melhor análise) mostraram serem os seguintes fatores linguísticos que mais favorecem a regra: classe de palavras (nomes), extensão do vocábulo (dissílabas), tonicidade (tônica) e a variável social: escolaridade (0-4 anos). A quinta rodada foi efetuada para os menos escolarizados e o resultado indica a manutenção dos mesmos fatores linguísticos. A ordem desses fatores, porém, foi alterada, passando a ser: tonicidade (tônica), extensão do vocábulo (dissílabas) e classe de palavras (nomes). As análises dos dados demonstram que o comportamento variável do fenômeno da monotongação de /ej/, após se isolar e avaliar, separadamente, cada fator que influencia a ocorrência do fenômeno, que são os substantivos e adjetivos dissílabos tônicos na fala dos informantes com baixa escolarização.

Palavras-chave: 1. Monotongação. 2. Sociolinguística Variacionista

ABSTRACT

The monophthongization is a very productive linguistic phenomenon in oral Brazilian Portuguese, due to the phonological process in which there is a reduction of a diphthong to a simple vowel. In order to contribute to the description of the current Portuguese, this study aimed to describe and analyze sociolinguistically the variable realization of oral decreasing diphthong /ej/ in the popular speaking of Fortaleza, as noted in: Peixe ~ Pexe, based on the theoretical and methodological approach of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006). In order to check how the monophthongization of the diphthong /ej/ in the popular standard speaking of Fortaleza community occurs, a sample of 54 informants extracted from a corpus called Popular Oral Standard Portuguese Database Project of Fortaleza/Ce-Brasil (NORPOFOR) (Araújo, 2011) was used. The distribution of NORPOFOR informants have based the variables of gender, age, education and out of the three types of voice records: Dialogue between Informant and Documenter (DID), Dialogue between two Informants (D2), and Formal Elocution: EF, we used only the (DID). For the statistical analysis of description of variable phenomena, we used the computer program GOLDVARB X (2005), responsible for calculating the influence of linguistic and extralinguistic factors. From a total of 1491 data analyzed, 1020 (68%) favored the monophthongization of /j/, whereas 471 (32%) kept the diphthong. Nine factors were selected and tested after the submission of data to the analysis of the statistical program GOLDVARB X. The results of the fourth round (better analysis) showed the linguistic factors which best favor the monophthongization, such as: word class (names), word extension (two syllables), stress (tonic) and the social variable schooling (0-4 years). A fifth round was taken for the less educated people and the result indicates the maintenance of the same linguistic factors. However, the order of these factors has been amended to be: stress (tonic), word extension (two syllables) and word class (names). The Analyses of the data collected show the variable behavior of the monophthongization phenomenon of /j/ after isolating and evaluating separately each factor influencing the occurrence of the phenomenon, that are the two syllable stressed nouns and adjectives in the speech of the informants with low schooling.

Keywords: 1. monophthongization. 2. sociolinguistic variationist

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 -	Frequências gerais do uso de /ej/ e /e/ nos estudos variacionistas	33
Gráfico 2 -	Frequência de uso das variantes analisadas	73
Figura 1 -	Distribuição dos estudos variacionistas no território brasileiro	35
Figura 2 -	Distribuição dos informantes nas regionais de Fortaleza	62
Quadro 1	Distribuição dos informantes do NORPOFOR	55
Quadro 2	Distribuição dos bairros de Fortaleza por Regionais no NORPOFOR	55
Quadro 3	Distribuição dos informantes em nossa amostra por gênero/sexo, idade e escolaridade	58
Quadro 4	Distribuição dos informantes da amostra por nº do inquérito, sexo, idade, escolaridade, bairro, Secretaria Executiva Regional (SER) e atividade exercida	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo contexto fonético seguinte	74
Tabela 2 -	Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo contexto fonético anterior	74
Tabela 3 -	Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo natureza morfológica	75
Tabela 4 -	Distribuição das ocorrências com nocaute para o grupo classe de palavras	75
Tabela 5 -	Distribuição das ocorrências com nocaute para o grupo extensão do vocábulo	76
Tabela 6 -	Atuação das variáveis contexto fonético seguinte, contexto fonético anterior, extensão do vocábulo e classe de palavras	76
Tabela 7 -	Atuação das variáveis contexto fonético seguinte, classe de palavras, extensão do vocábulo e tonicidade	78
Tabela 8 -	Atuação da variável classes de palavras sobre a monotongação de [ej]	80
Tabela 9 -	Atuação da variável extensão do vocábulo	82
Tabela 10 -	Atuação da variável tonicidade	83
Tabela 11 -	Atuação da variável escolaridade	83
Tabela 12 -	Atuação das variáveis tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavra sobre os pouco escolarizados	84
Tabela 13 -	Atuação das variáveis tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavra para os pouco escolarizados	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CVC	Consoante, vogal, consoante
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
NORPOFOR	Norma Oral do Português Popular de Fortaleza
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
D2	Diálogo entre dois informantes
EF	Elocução Formal
VAR SUL	Varição Linguística Urbana do Sul do País
PORCUFORT	Projeto Português Oral Culto de Fortaleza
ALIPA	Atlas Geo Sociolinguístico do Estado do Pará
VALPB	Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba
PROCOTEXTO/	Projeto de Coleta de Textos/Universidade do Sul de Santa Catarina
UNISUL	
GoldVarb X	Programa estatístico - pacote Varbrul para Mac e Windows desenvolvido por David Sankoff
P.R.	Peso Relativo

LISTA DE SÍMBOLOS

- [p] : bilabial oclusiva
- [b] : bilabial oclusiva
- [m] : bilabial nasal
- [t] : oclusiva, dental, surda
- [d] : oclusiva, dental, sonora
- [v] : fricativa, labiodental, sonora
- [s] : oclusiva, dental, sonora
- [z] : fricativa, alveolar, sonora
- [l] : lateral, alveolar, sonora
- [n] : nasal, alveolar, sonora
- [k] : oclusiva, oral, velar, surda
- [ʒ] : fricativa, palato-alveolar, sonora
- [r] : tepe (ou flepe) alveolar
- [ʃ] : fricativa, oral, palato-alveolar, surda
- [h] : fricativa, glotal
- [f] : fricativa lábio-dental
- [g] : oclusiva velar
- [ɲ] : nasal palatal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A VARIAÇÃO DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ej/	20
2.1	ESTUDOS VARIACIONISTAS	20
3	A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	36
4	METODOLOGIA	50
4.1	TIPO DE PESQUISA	50
4.2	COMUNIDADE DE FALA: A CAPITAL CEARENSE	51
4.3	O <i>CORPUS</i>	54
4.4	AS ENTREVISTAS	56
4.5	A AMOSTRA E OS INFORMANTES	58
4.6	DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	62
4.6.1	Variável dependente	62
4.6.2	Variáveis independentes	63
4.6.2.1	<i>Variáveis linguísticas</i>	63
4.6.2.2	<i>Variáveis extralinguísticas</i>	66
4.7	COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	67
4.8	O PROGRAMA ESTATÍSTICO: GOLDVARB X	68
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	73
5.1	RODADAS EXPERIMENTAIS	73
5.1.1	Primeira Rodada	73
5.1.2	Segunda Rodada	77
5.1.3	Terceira Rodada	79
5.2	QUARTA RODADA (MELHOR ANÁLISE)	81
5.2.1	Classe de Palavras	81
5.2.2	Extensão do vocábulo	82
5.2.3	Tonicidade	83
5.2.4	Escolaridade	84
5.3	RODADA SÓ PARA OS POUCO ESCOLARIZADOS	84
6	CONCLUSÃO	86
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICES	93
	APÊNDICE A - CHAVE DE CODIFICAÇÃO DA MONOTONGAÇÃO	94
	ANEXOS	97
	ANEXO A - TABELA DOS SÍMBOLOS FONÉTICOS UTILIZADOS NESTA PESQUISA (2005)	98
	ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA (CEP) DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE	99

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento da Sociolinguística, ainda nos anos de 1960, protagonizada por William Bright e sistematizada por William Labov, muitos estudos sobre as descrições das línguas naturais com suporte de dados de fala foram produzidos, levando os linguistas a um novo modo de encarar as regras variáveis das línguas², além do modelo normativo, e a oferecer outras maneiras de se fazer análise linguística que trouxeram contribuições valiosas ao desenvolvimento da teoria linguística.

Labov (2008) analisou a relação entre língua e sociedade e observou que há inúmeras variantes³ na língua falada e, por meio de estudos que consideram fatores extralinguísticos (além dos linguísticos), como classe social, idade, sexo, escolaridade etc, remeteu-nos à interdependência do conteúdo linguístico dos falantes em relação ao meio social em que vivem.

Com as suas ideias, o autor nos forneceu uma das grandes contribuições para o avanço dos estudos sociolinguísticos, ao verificar a importância de estudar a língua como objeto de elaboração social, sem os estigmas de "certo" e "errado", considerando as variações nela encontradas, às quais estamos expostos e utilizamos na língua em uso.

Na perspectiva de Tarallo (2007), a língua é um veículo de comunicação e informação entre as pessoas que denota variantes diversas e o fato de ela ser variável nos proporciona distintas formas de dizer uma determinada coisa com o mesmo valor de verdade⁴ (LABOV, 1978); e isso é um fator muito importante na identificação de grupos em sua configuração e na demarcação das diferenças sociais de uma dada comunidade de fala, cuja característica principal é o compartilhamento de normas e atitudes sociais em relação a uma língua ou variedade linguística (LABOV, 1972).

Dentre os inúmeros fenômenos linguísticos em variação na língua portuguesa do Brasil, a forma variável como os ditongos orais decrescentes se mostra nos motivou a iniciar esta investigação. A redução desses ditongos está tão disseminada e é recorrente nas

² Categorização de regras linguísticas proposta por Labov - variáveis e semicategóricas - que se constituíram em meio facilitador da proposição de perfis que caracterizariam o que costuma ser tratado, independentemente do quadro teórico adotado, como parâmetros gramaticais ou tipos linguísticos diversos. (LABOV, 2003)

³ Variantes "[...] são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*" (TARALLO 1986, p. 8). O uso de uma ou de outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos).

⁴ Comunidade de fala, segundo Labov (1972 [2008]): “ [...] pela participação no conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativos explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

variedades do português, por ser uma regra por demais produtiva, que já se configura como parte do vernáculo mais geral do brasileiro (BAGNO, 2007).

O interesse para a realização desta pesquisa surgiu da nossa inquietude e de nosso interesse pessoal em saber como ocorre a monotongação do ditongo /ej/ no português popular falado na cidade de Fortaleza-CE. A monotongação é a simplificação do ditongo a uma simples vogal, como nas formas (beijo-bejo), (deixe-dexe), (enfermeira-enfermera), sendo este um fenômeno variável e muito produtivo na fala dos brasileiros, mas que ainda carece de descrição em muitas regiões do País, a exemplo do Centro-Oeste, onde não se verificou estudos dessa natureza.

Esse fenômeno, que tem origem ainda no latim, como atesta Coutinho (1976), manteve-se no português de Portugal, como é possível constatar na maior obra épica portuguesa, “Os Lusíadas”⁵, de Camões, que denotava palavras com apagamento de semivogais, como um fenômeno natural e espontâneo, ou seja, Camões já apagava, em uma série de palavras, as semivogais /j/ e /w/ em ditongos orais no português do século XVI (PEREIRA, 2004).

Portanto, é intrigante saber que a monotongação date da época do latim vulgar e que o processo ainda careça tanto de estudos. Há, então, uma lacuna preocupante a respeito do conhecimento da regra variável do ditongo /ej/ nas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste do Brasil, já que os trabalhos reunidos no capítulo seguinte desta pesquisa não cobrem todas as capitais brasileiras, pelo simples fato de elas não existirem.

Os estudos variacionistas sobre a monotongação de /ej/, cuidadosamente, selecionados por ordem cronológica para embasar esta pesquisa foram: Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983), para o Rio Grande do Sul; Ribeiro (1990), para o Paraná; Bisol (1994), para Porto Alegre; Coelho e Naumann (1994) para as capitais da região Sul (Curitiba - PR, Florianópolis - SC e Porto Alegre - RS); Paiva (1996), para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul; Silva (1997), para o Rio de Janeiro; Araújo, M. (1999), para o Maranhão; Araújo, A. (2000), para o Ceará; Lopes (2002), para o Pará; Farias e Oliveira (2003), para o Pará; Silva (2004), para a Paraíba; Pereira (2004), para Santa Catarina; Amaral (2005), para o Rio Grande do Sul; Carvalho (2007), para Recife; Farias (2008), para o Pará; Brescancini (2009), para Santa Catarina; Santos e Chaves (2010),

⁵ A obra “Os Lusíadas”, publicada em 1572, é um poema épico dividido em dez cantos, que tem por temas a viagem de Vasco da Gama em busca do caminho marítimo para as Índias e a história portuguesa, desde a luta contra os mouros invasores até a consolidação do Estado luso e as grandes navegações (PEREIRA, 2004).

para o Acre; Toledo (2011) para o Rio Grande do Sul e Araújo, A. (2013) para as regiões Norte e Sul do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Embora Araújo (2000) tenha produzido um estudo sobre o ditongo em questão na norma oral culta da capital cearense, não se sabe sobre o seu comportamento variável na norma oral popular de Fortaleza. Portanto, esta pesquisa pretende suprir, nesta comunidade de fala (LABOV, 2008), a lacuna na norma popular, que é a realização do ditongo /ej/ em contexto CVC (consoante, vogal, consoante). Esta pesquisa junta-se aos estudos da região Nordeste (ARAÚJO, M., 1999; ARAÚJO, A.; 2000; SILVA, 2004; CARVALHO, 2007). Com a descrição sistemática da variação/mudança linguística do fenômeno em pauta, conhecemos melhor, cada vez mais, o falar do fortalezense, contribuímos com a descrição do português oral brasileiro e fornecemos uma fotografia sociolinguística atualizada desse processo da língua portuguesa.

De acordo com Hora e Henrique (2013), as pesquisas de base sociolinguística variacionista, sobre o uso variável do ditongo /ej/, demonstram resultados categóricos em favor da sua monotongação, revelando mudanças na língua dignas do diagnóstico e da sistematização.

Assim sendo, um estudo desta natureza na Capital cearense é mandatório e também relevante, já que o monotongo é tão recorrente e antigo no português oral e pouco se conhece sobre essa regra na região Nordeste, onde são registradas apenas quatro pesquisas: Araújo, M. (1999), Araújo, A. (2000), Silva (2004) e Carvalho (2007).

Mesmo com a publicação de trabalhos sobre variação linguística, uma vasta literatura crítica demonstra que o ensino do português brasileiro ainda visa tradicionalmente a reformar ou consertar a língua adquirida pela pessoa no meio social, o que deve, provavelmente, resultar do pouco uso dos estudos sobre variação linguística no âmbito educacional, como parte das políticas linguísticas e das concepções de língua.

Consoante Bagno (2007), desprezar o conhecimento da língua que a pessoa adquire em sua atividade linguística com a família e com o grupo social é desconsiderar o uso intuitivo, eficaz e criativo dos seus recursos, propiciando, assim, a alienação social da pessoa e fomentando o preconceito linguístico. Além disso, a falta de explicação e orientação clara e direcionada sobre os fenômenos variáveis de fala ensejam dificuldades no letramento.

Camacho (2001) também sugere, como pressuposto da Pedagogia da língua materna, que o professor deve valorizar e respeitar o contexto social do educando e ensiná-lo a utilizar o registro mais adequado em cada situação comunicacional, propiciando o seu

acesso aos bens simbólicos mais variados, como as variedades padrão e não padrão, cumprindo assim o seu papel sócio-político-educacional.

O que poderia mais aproximar os estudantes de língua portuguesa do uso real da língua seriam os livros didáticos, as gramáticas, uma melhor qualificação dos professores e as condições de trabalho. De acordo com Coelho (2007), entretanto, os livros didáticos pouco se preocupam em demonstrar um panorama descritivo mais atual do português falado no Brasil, o que indica desarticulação editorial com a proposta linguística educacional que interfere, diretamente, na publicação desses livros. O mesmo ocorre com as gramáticas, intituladas ‘novas ou modernas’, que ainda restringem o estudo dos ditongos orais a encontros vocálicos.

Nestas circunstâncias, os estudantes ficam prejudicados, por não possuírem um material que realmente descreva o português falado em seu país. Parece haver um distanciamento entre o que está prescrito sobre a língua e como esta realmente se manifesta nas situações reais de uso, como no caso da monotongação.

Ademais, os estudos de variação linguística possuem previsão legal nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCNs (BRASIL, 1998). Este documento acentua que o domínio da língua materna envolve o desenvolvimento da competência comunicativa da pessoa, de forma a convergir tal competência ao pleno domínio e uso da língua(gem), que, na modalidade oral, implica o conhecimento das variedades linguísticas, as quais, quando negligenciadas, tornam a língua vazia como meio de interação. Dell Hymes (1972a) apud Bortoni-Ricardo (2005, p. 61) explica o conceito de competência comunicativa: “[...] um membro de uma comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias”.

É, portanto, com origem em trabalhos como o desta pesquisa que alunos e professores podem conhecer melhor a diversidade linguística brasileira para lidar com as inúmeras situações de heterogeneidade da língua que se deparam cotidianamente.

Deste modo, este estudo pretende trazer contribuições para os estudos de Sociolinguística Variacionista, além de prover subsídios para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, pois, ao descrever como a monotongação do ditongo /ej/ se manifesta na cidade de Fortaleza, é possível conhecer-se melhor a realidade linguística local, o que permite fornecer dados importantes para uma educação linguística mais heterogênea, que compreenda tanto a tradição gramatical quanto as descrições baseadas no uso real da língua por seus falantes.

Nosso objetivo principal é analisar o comportamento variável do ditongo /ej/ em contexto CVC (consoante, vogal, consoante) no falar popular de Fortaleza. Como hipótese geral, assumimos o argumento de que o fortalezense monotonga mais nesse contexto diante

de tepe no contexto fonético seguinte e que essa monotongação é condicionada por outros fatores linguísticos e sociais. (WEINREINCH, LABOV; HERZOG (2006); LABOV (1994; 2008, 2010). Como hipóteses secundárias, elaboradas com base nos estudos de autores a quem recorreremos nesta pesquisa, acreditamos que a supressão da semivogal [j] seja favorecida, principalmente por

fatores linguísticos (tepe) nos contextos fonéticos anterior e posterior, extensão do vocábulo (trissílabas e polissílabas), classe de palavras (verbos e não verbos), tonicidade da sílaba (sílaba tônica), natureza morfológica (radical); e

a) fatores extralinguísticos, como escolarização (0-4 anos); idade (15-25 anos) e sexo (homens).

Além dessas hipóteses, ainda acreditamos que estamos diante de um caso de mudança linguística⁶ em curso a favor do monotongo.

Para isso, utilizamos uma amostra do *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR, de onde foram retiradas entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) para análise. O NORPOFOR é um banco de dados do falar popular de Fortaleza, coordenado pela professora Aluíza Alves de Araújo, que teve suas entrevistas realizadas no período de 2003 a 2006 (ARAÚJO, 2011). Esta data-base é utilizada no Projeto “Fotografias Sociolinguísticas de Fortaleza”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, do qual esta dissertação faz parte. Os 54 informantes selecionados foram estratificados de acordo com as variáveis sociais: sexo (homens e mulheres), escolaridade (0-4 anos; 5-9 anos e 9-11 anos) e faixa etária (15-25 anos; 26-49 anos e 50 em diante).

Esta investigação foi organizada em seis capítulos: o primeiro refere-se à introdução e apresenta o objeto de estudo, as hipóteses, os objetivos de pesquisa, os motivos pelos quais decidiu-se pesquisar este objeto, além de sua relevância. O segundo segmento provê a descrição dos estudos variacionistas sobre a monotongação do ditongo /ej/ no português do Brasil. O terceiro módulo destina-se a apontar a Teoria da Variação e Mudança Linguística, como aporte teórico e metodológico dessa investigação. O quarto capítulo traz a

⁶ Sobre mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) indicam que ela ocorre quando há uma diferenciação ordenada em uma generalização de uma alternância particular, num determinado subgrupo da comunidade de fala, não havendo associação entre estrutura e homogeneidade, pois a estrutura linguística inclui exatamente essa diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos. Toda mudança linguística, para os autores, implica que ocorrem variabilidade e heterogeneidade, embora o contrário nem sempre suceda. Como explicam, a generalização da mudança linguística envolve a covariação de mudanças associadas durante, nas mais das vezes, longos períodos, que se refletem na distribuição de isoglossas por áreas geográficas.

metodologia de pesquisa adotada; ao passo que o quinto privilegia a descrição dos dados e a discussão dos resultados. Por fim, no sexto capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho.

2 A VARIAÇÃO DO DITONGO ORAL DECRESCENTE /ej/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 ESTUDOS VARIACIONISTAS

Dentre os autores que já estudaram a redução do ditongo /ej/ sob a perspectiva variacionista, o maior número de trabalhos produzidos sobre esse fenômeno está na região Sul, onde encontramos quatro artigos, Bisol (1994), Coelho e Naumann (1994), Amaral (2005) e Brescancini (2009), e cinco dissertações de mestrado, Meneghini (1983), Ribeiro, (1990), Cabreira (1996), Pereira (2004) e Toledo (2011). No norte do País, há quatro trabalhos, sendo dois artigos, Farias e Oliveira (2003) e Santos e Chaves (2010), e duas dissertações de mestrado, Lopes (2003) e Farias (2008), todos produzidos no início deste século. No Nordeste, há também quatro estudos, a saber: Araújo, M. (1999), Araújo, A. (2000), Silva (2004) e Carvalho (2007). No Sudeste, encontramos os trabalhos pioneiros de Veado (1983), de Paiva (1996) e de Silva (1997). Araújo, A. (2013) produziu mais um estudo, comparando as capitais brasileiras das Regiões Norte e Sul do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

A seguir, estes estudos serão brevemente descritos, de acordo com a ordem cronológica e conforme a região, destacando-se apenas os resultados mais importantes para o ditongo [ej].

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Veado (1983) produziu um estudo acerca da redução dos ditongos /ej/⁷ e /ow/ no português brasileiro. A autora avalia a realização variável de /ej/ em amostras de variadas situações de fala na Capital Mineira. A amostra foi dividida em três partes, cada uma delas apresentando uma situação de fala diferente, tais como: fala coloquial, fala cuidada e leitura de palavras e de texto. Na fala coloquial, de 737 dados, apenas sete palavras não foram monotongadas, deduzindo-se que a fala casual é altamente favorecedora da redução de /ej/ e que a redução desse ditongo nesse tipo de fala não está ligada a fatores linguísticos nem a fatores sociais, ou seja, encontrou-se nesse contexto de fala um alto índice de redução, quase 100% para a realização de [e], independentemente da influência de quaisquer fatores.

A acentuação, posição do ditongo na palavra e segmento consonantal seguinte foram fatores que atuaram em relação à alternância de [ej] em relação a [e]. Sobre o primeiro

⁷ Esta é a forma de apresentar o ditongo da própria autora. Sempre usaremos o modo de transcrição escolhido pelos autores.

fator, o traço + acento foi mais favorecedor da monotongação do que o traço - acento. Relativamente à posição do ditongo no item lexical, em posição interna, a redução é de quase 50%.

O segmento consonantal posterior, como o tepe alveolar, denotou o maior número de ocorrências e foi o que teve o maior percentual de redução. Em situações de leitura, os informantes se comportaram de maneira semelhante ao registro na fala de noticiários e entrevistas. Os altos índices percentuais de redução nos níveis de fala mais rebuscada, incluindo a leitura, demonstram para a autora a estabilidade e a consistência da redução em língua portuguesa.

Em Ibiaciá-RS, Meneghini (1983 apud TOLEDO, 2011; AMARAL, 2005) estudou todos os ditongos orais decrescentes do Português, com o objetivo de identificar quais deles estavam sujeitos à perda da semivogal e quais variáveis linguísticas e sociais influenciariam o seu uso. Destes ditongos, o autor descreveu a monotongação somente de três, que se mostraram sujeitos ao apagamento da semivogal, [aj], [ej] e [ow].

A amostra, constituída por 115 informantes de nível fundamental completo ou incompleto, foi estratificada segundo a escolaridade, o sexo, a idade e a zona urbana ou zona rural (TOLEDO, 2011). Foram controlados os fatores: contexto fonético posterior e tonicidade.

Foram analisados 9.233 dados (AMARAL, 2005) e os fatores linguísticos favorecedores da monotongação do ditongo /ej/ foram: o tepe e a fricativa palatal, no contexto fonológico seguinte e, quanto à tonicidade, somente a sílaba átona se mostrou um fator relevante para aplicação da regra. Não houve variável social selecionada como relevante sobre o fenômeno em estudo.

Ribeiro (1990) analisou a supressão dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na fala do Sudoeste paranaense, em cinco municípios: Santo Antônio do Sudoeste, Marmeleiro, Renascença, Clevelândia, Chopinzinho e Nova Prata do Iguaçu. No total, foram colhidos 6902 dados, oriundos de 22 informantes do Projeto Fontes Culturais para o Ensino, sendo 3864 de /y/⁸ e 3038 de [w], resultando em 2338 itens monotongados, estratificados de acordo com a faixa etária (30 a 59 anos e acima de 60 anos) e o sexo.

Sobre o volume vocabular, percebe-se que a supressão do ditongo /ej/ entre monossílabos é categórico. Outro fato que a levou a questionar a relevância do fator extensão

⁸ Fonte fonética utilizada pela autora.

da palavra na redução do ditongo foi a quantidade de palavras polissílabas em que o iode aparece seguido de flape.

Sabe-se que, no caso do /y/, o *flap* se mostra categórico no apagamento da semivogal. O subfator extensão do vocábulo está sujeito ao contexto fonológico seguinte à semivogal na maior parte dos dados analisados. O estudo também revela que os adjetivos têm características idênticas aos substantivos por serem classes próximas.

No contexto fonológico precedente, /y/ é suprimido quando precedido de /e/, considerando, então, esse apagamento como um fenômeno de assimilação. Já, para o contexto fonológico posterior, os subfatores que mais influenciaram a supressão de /y/ foram o *flap* e o palato-alveolar. Nenhum fator social interferiu na supressão do iode.

Na cidade de Porto Alegre - RS, Bisol (1994) avaliou a realização do ditongo /ej/ na fala de sete informantes, controlando apenas a variável contexto seguinte, que expressa os seguintes resultados: palatal, tepe, labial, velar, alveolar, vogal para o apagamento de [j]. Com esses dados, a autora assegura que, diante de consoante palatal e de vibrante simples, a variante sem glide é a de uso geral, fazendo com que ela defenda a ideia de que, nestes contextos, o ditongo denote apenas uma vogal na forma implícita, configurando o falso ditongo.

Para Bisol, há duas vogais no verdadeiro ditongo, que sempre aparecem na fala. Nesta análise, demonstra-se que tanto a inserção do glide quanto o seu apagamento constituem um processo que ocorre variavelmente na estrutura de superfície, por derivar da expansão de traços secundários da consoante. A autora assinala que, na realização de /ej/, considerando o contexto pré-consonântico em palavras com consoante palatal e de vibrantes simples, a semivogal /j/ é quase totalmente suprimida.

Sobre a metodologia de coleta de dados e a respeito da composição da amostra nesse estudo, nele não encontramos maiores esclarecimentos, contudo parece que não era objetivo de Bisol fazer uma análise propriamente quantitativa dos dados, pois, na verdade, estes são apenas indícios para uma discussão a respeito da origem do glide diante da consoante palatal.

Coelho e Naumann (1994) investigaram a realização do ditongo [ej] nas capitais do Sul (Curitiba - PR, Florianópolis - SC e Porto Alegre - RS), com origem em 36 informantes do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País)⁹, sendo

⁹ O projeto VARSUL tem por meta descrever o português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil, constituindo-se de: Banco de Dados VARSUL (Formado por 288 entrevistas de zonas urbanas, distribuídas igualmente entre quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul do Brasil),

estratificados de acordo com a localidade (12 de cada município), idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (ginásial, primário e colegial).¹⁰ A natureza do segmento seguinte (/r/, *flap* e /s/, palato-alveolar) e a extensão da palavra (trissílabos) foram os condicionamentos linguísticos mais relevantes na supressão do [y]. Dentre as variáveis sociais, foi selecionada a região geográfica (Florianópolis) como aliada da regra.

Quanto ao segundo, os informantes de menos de 50 anos beneficiam a monotongação, ao contrário dos que possuem idade acima disso. E, com relação ao último, os falantes do colegial, os mais escolarizados, empregam menos a variante monotongada, enquanto os do ginásio e do primário, os menos escolarizados, empregam mais a redução do ditongo. As autoras concluem que a supressão de [j] é um processo fonético determinado pela natureza do segmento seguinte.

Cabreira (1996) analisou a monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] nas capitais do Sul do Brasil, Curitiba- PR, Florianópolis- SC e Porto Alegre- RS, partindo de uma amostra constituída por 36 informantes do Projeto VARSUL, estratificada de acordo com a idade (25-50 anos e de 51 anos em diante); grau de escolaridade¹¹ (primário, ginásio e 2º grau); sexo (masculino e feminino) e variedade geográfica (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba).

As variáveis linguísticas levantadas foram: vogal do ditongo, sonoridade do elemento seguinte, posição do elemento seguinte quanto a sílaba, tonicidade e natureza morfológica. De um total de 1.512 dados, foram obtidas 483 ocorrências da monotongação do ditongo [ej], o que equivale a 32%. Seu estudo mostra que a semivogal [j] dos ditongos [aj] e [ej] só é suprimida quando seguida por fricativa palato alveolar ou tepe.

Em razão desse último segmento, a regra de monotongação é quase categórica. Em face disso, o autor realiza duas análises: uma para os ditongos [ej] e [aj], seguidos por fricativa palatal surda e sonora, e outra somente para o ditongo [ej], seguido por tepe. Os fatores selecionados como condicionadores da regra de monotongação na primeira análise foram: posição do elemento seguinte, a escolaridade, a sonoridade do elemento seguinte, o sexo e a variedade geográfica.

Amostra Digital VARSUL (constituída por trechos de áudio – entre 5 e 15 minutos – de 40 entrevistas) e Banco de Dados Diacrônico (composto por textos de fontes diversas). A sua finalidade é de oferecer: 1. subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; 2. condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; 3. condições para formação de novos pesquisadores; 4. subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas. (COELHO; NAUMANN, 1994)

¹⁰ A nomenclatura utilizada sobre os graus de escolaridade é a citada pelas autoras. Primário, ginásio e 2º grau representam, nos dias de hoje, respectivamente, quatro, nove e onze anos de estudo.

¹¹ As expressões primário, ginásio e 2º grau utilizadas pelo autor equivalem respectivamente a fundamental 1, fundamental 2 e ensino médio.

Na segunda análise, os fatores mais relevantes foram: a natureza morfológica (radical), o grau de escolaridade (primário), o sexo (feminino) e a variedade geográfica (Curitiba). Nas duas avaliações, a pouca escolaridade (primário) e o sexo feminino são representativos para a monotongação. Para o autor, os falantes de Florianópolis são os que mais aplicam a regra, comparados aos falantes de Porto Alegre e de Curitiba.

Paiva (1996) abordou a supressão de [y] no Rio de Janeiro e é categórica ao afirmar que esse fenômeno em determinadas condições fonéticas na fala do carioca é quase norma. Foram utilizados dados de 44 entrevistas do “Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro”, dos quais 2111 itens consistem de ditongo /ej/ em interior de palavra. Considerando que, em final de palavra, a ocorrência deste ditongo indica a manutenção de [y], visto que esta posição se mostrou categórica, tal contexto foi descartado da pesquisa.

Para a autora, a supressão da semivogal do ditongo decrescente /ej/ é um fenômeno sistêmico que não recebe influência de fatores externos e que também não demonstra diferença diastrática. Foram examinados os seguintes fatores: o contexto seguinte à semivogal quanto ao ponto de articulação e ao modo de articulação, a tonicidade da sílaba do ditongo, a extensão da palavra e a estrutura interna da palavra. Os fatores ponto e modo de articulação do segmento subsequente são os que influenciam a supressão de [j], seguidos por extensão e estrutura interna do vocábulo. A tonicidade mostrou-se irrelevante no processo. Os segmentos velares e palato-alveolares favorecem a redução de /ej/.

O *flap* se mostrou o segmento que mais aplica a monotongação, seguido das consoantes fricativas. As palavras polissílabas, trissílabas e dissílabas são aliadas do fenômeno. A supressão de [j] ocorre com maior frequência no sufixo. Vale frisar, no entanto, que a supressão de [j] em –eiro, que está diante de flap (contexto favorecedor do cancelamento de [j]), pode ocorrer em virtude da influência do segmento seguinte ao ditongo /ej/ e não à morfologia deste sufixo. As variáveis sociais foram pouco significativas nesta pesquisa, ratificando a hipótese da autora de que a redução desse ditongo quase não é influenciada por elementos externos.

Silva (1997) investigou a monotongação de /ej/ e /aj/ nos falares fluminenses, com base nos dados do Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro¹², cuja coleta se deu com suporte no recolhimento de questionários aplicados a

¹² O Projeto do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) possui um *corpus* com 178 horas de gravação no Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, correspondente a entrevistas com 78 informantes, realizadas em 13 localidades daquela região. O *corpus* vem sendo ampliado para atingir as regiões das Lagunas Litorâneas, Metropolitana e Sul do Estado do Rio de Janeiro, prevendo-se a inclusão de 36 outras comunidades. O Projeto está sendo desenvolvido não só por meio da recolha sistemática de dados (constituição

informantes diálogos entre locutores e documentadores da pesquisa, estratificados de acordo com o sexo (masculino), grau de escolaridade (baixo nível ou analfabetos) e faixa etária A (18-35 anos), B (36-55 anos) e C (56-70 anos).

Foram controladas as variáveis: localidade de origem do pescador, faixa etária, tonicidade da sílaba do ditongo, extensão do vocábulo, posição do acento na palavra, qualidade do segmento imediato à semivogal; como modo e ponto de articulação e posição do ditongo no radical ou no sufixo em palavras derivadas. Para o ditongo /ej/, das 4072 ocorrências analisadas, 1354 (33%) mantêm o ditongo, ao passo que 2718, (67%) do total reduzem a semivogal, predominando a variante monotongada.

Observou-se que os fatores mais relevantes para a ocorrência do fenômeno são o modo e o ponto de articulação do segmento posterior à semivogal. Em seguida, a autora menciona as variáveis tamanho da palavra e acentuação como favorecedoras na primeira rodada, porém, posteriormente, Silva informa que tais grupos de fatores não se mostraram realmente significativos, e, por fim, a faixa etária (faixa C) dos informantes. No contexto ponto de articulação, as pré-palatais são altamente favorecedoras da monotongação, assim como as labiais.

Araújo (1999) descreveu a monotongação do ditongo [eI] no português falado em Caxias, no Maranhão, com base em 801 dados de gravações de 24 entrevistados. Os fatores selecionados pelo programa, conforme a ordem de importância foram: o segmento seguinte, a velocidade de fala, a escolaridade, a tonicidade da sílaba e a idade. A estratificação foi feita com base no sexo (A- masculino e B- feminino), no grau de instrução (C- analfabetos e D- de nove a dez anos) e na idade dos falantes (de 15 a 25 anos e mais de 50). Não é possível dizer nada sobre a implementação desse fenômeno no dialeto da cidade, segundo os resultados da pesquisa.

Para o grupo de fatores segmento seguinte, a monotongação do ditongo [eI] está bastante avançada nos contextos [r] e [a]. Quanto à variável velocidade de fala, o segmento semivocálico é mais facilmente perdido nas sequências de falas produzidas mais rapidamente. No tocante à escolaridade, os falantes escolarizados aplicam menos a monotongação. Para a tonicidade da sílaba, conclui-se que o glide é mais apagado nas sílabas tônicas. Com relação à faixa etária, os falantes mais velhos aplicam mais a regra.

do Arquivo Sonoro referente à fala de 49 localidades do Estado) e pela elaboração de cartas linguísticas, mas também pela realização de estudos nas linhas sociolinguística variacionista e especificamente dialetológica, visando à descrição e análise de aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e léxicos da fala popular do Rio de Janeiro. (SILVA, 2009).

Quanto ao sexo, não há diferenças significativas entre o comportamento de homens e mulheres. Os falantes de classe baixa são os que mais usam a forma monotongada do ditongo [ei]. A autora acentua que a regra demonstra diferença diastrática, podendo ser objeto de restrições em relação à modalidade-padrão e a não-padrão.

Araújo (2000) analisou a monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] nos dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT. As entrevistas ocorreram no período de agosto de 1993 à setembro de 1995. Nesta pesquisa, foi utilizada uma amostra constituída por 74 informantes. Das 2181 ocorrências para [ej], 1476 aparecem monotongadas, o que equivale a 68% de aplicação da regra.

Foram testadas as variáveis linguísticas: contexto fonético posterior, contexto fonético anterior, dimensão da palavra, tonicidade da sílaba, natureza morfológica do ditongo e as extralinguísticas: sexo (homens e mulheres), faixa-etária (22 a 35 anos), (36 a 50 anos) e (51 anos em diante), e tipo de registro (DID - Diálogos entre Informante e Documentador, D2 - Diálogo entre Dois Informantes e EF - Elocução Formal).

Desses fatores, os que se revelaram relevantes na monotongação do ditongo [ej] foram: contexto fonético posterior (a fricativa palatal e o tepe), natureza morfológica do ditongo (morfema lexical e morfema derivacional), tonicidade da sílaba (sílaba tônica), dimensão da palavra (dissílabos, trissílabos e polissílabos), tipo de registro (DID e D2) que possuem o menor grau de formalidade e sexo (homens).

Lopes (2002) investigou a realização dos ditongos [ej] e [ow] no português falado na cidade de Altamira-PA. Sua amostra foi retirada do banco de dados do Projeto ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará)¹³, sendo constituída por 40 informantes, estratificados de acordo com as variáveis: idade (15-25 anos, 26-45 anos e 46-70 anos) sexo, nível de escolarização (não escolarizado, ensino fundamental e ensino médio) e renda (baixa e média). Do total de dados coletados, 1456 pertencem ao ditongo /ej/, dos quais 54% favorecem a redução de /ej/ a /e/.

¹³ O ALIPA é um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará, cuja finalidade é a construção do Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado e vem sendo ampliado na identificação, análise e mapeamento da variação sociolinguística do português da região. O estado foi dividido em 57 pontos de inquérito que foram agrupados em 6 mesorregiões. A pesquisa possui uma metodologia que divide o estudo em área urbana (Belém, Bragança, Cametá e Abaetetuba) e área rural. A estratificação dos informantes na zona urbana se dá de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 25, 26 a 49, +50 anos), a escolaridade (analfabetos, 1º grau completo e 2º grau) e a renda (baixa, média e alta), no total de 42 indivíduos. Na zona rural, de cada município, serão selecionados 2 homens e 2 mulheres, todos alfabetizados até a 4ª série e distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias (18a 30 anos e 40 a 70 anos). (LOPES, 2002).

Das variáveis linguísticas testadas (classe morfológica do vocábulo em que ocorre o ditongo, posição do ditongo no vocábulo, natureza morfológica, tonicidade, contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tipo de vocábulo e status fonológico do ditongo) e sociais (sexo, idade, escolaridade e renda), foram relevantes para a monotongação de [ej]: contexto fonético seguinte (redução categórica diante de tepe e favorecimento diante das fricativas palato-alveolares desvozeada e vozeada), a localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra (radical), a natureza da origem do vocábulo (palavras ‘comuns’) e a escolaridade (menos escolarizados).

Farias e Oliveira (2003) examinaram a redução dos ditongos [ej] e [ow] no Nordeste do Pará, na zona rural, tomando, para análise, dados da fala de 22 informantes do Projeto ALIPA (Atlas Geo Sociolinguístico do Estado do Pará) que se caracteriza pela aplicação do questionário Semântico-Lexical, que está dividido em treze campos semânticos, distribuído em 256 perguntas.

Foram selecionados cinco municípios (Vigia, Capanema, Bragança, Baião e Cametá) da mesorregião do Nordeste Paraense. De cada localidade, foram extraídos quatro informantes, estratificados, igualmente, de acordo com o sexo (masculino e feminino) e a faixa etária (A: 18 a 30 anos; B: 40 a 70 anos). Os resultados obtidos para o ditongo [ej] evidenciam que

- a) o tepe e as fricativas palatais em contexto posterior ao ditongo favorecem o apagamento do glide;
- b) a variável extensão da palavra também se mostrou favorecedora (polissílabos), ou seja, quanto maior a palavra mais chances de monotongação, bem como
- c) a variável posição do ditongo no item lexical (no meio da palavra tem mais chances de ser monotongado).

Nenhum fator social é relevante para a aplicação da regra. As autoras não exprimem a frequência de uso geral da aplicação da regra pois, o que elas fornecem são os índices para cada fator individualmente, como, por exemplo: das 352 ocorrências de [ej] diante da consoante tepe alveolar localizada após a variável, 97,7% tiveram a semivogal apagada.

Silva (2004) analisou a monotongação de: [aj], [ej] e [ow] no falar da comunidade de João Pessoa- PB. A amostra utilizada faz parte do *corpus* que integra o Projeto VALPB¹⁴,

¹⁴ O VALPB é um banco de dados de 1993 que apresenta uma amostragem do português falado na Paraíba, colhida na perspectiva variacionista, com base nas entrevistas de 60 informantes. Nele encontram-se armazenados dados de fala em fitas de áudio estratificados, conforme as variáveis: 1) Sexo (30 informantes do

estratificada de acordo com o sexo, anos de escolarização e faixa etária dos informantes, que são as variáveis sociais controladas, além dos fatores linguísticos: contextos fonológicos seguinte e precedente, valor fonemático do ditongo, posição do elemento seguinte quanto à sílaba, vogal do ditongo, natureza morfológica e tonicidade. Das 4902 ocorrências de [ej], houve 2150 aplicações, correspondendo a 44%. Dentre os fatores controlados, os segmentos condicionadores da regra foram: contexto fonológico seguinte (vibrante, fricativa [š] e [ž])¹⁵.

Novamente, temos que o tepe e as palatais condicionam o apagamento quando em contexto seguinte, por assimilação. O ditongo [ej], também quando pretônico, se mostrou favorecedor da monotongação. Quanto à escolaridade, os falantes com menor grau de escolarização são os mais inovadores da regra. Segundo a autora, de acordo com os índices de redução, este é provavelmente um caso de mudança linguística consumado.

Pereira (2004)¹⁶ realizou um estudo sobre o apagamento dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala dos habitantes de Tubarão, em Santa Catarina. A autora discute os resultados de sua pesquisa em quatro *corpora*, no entanto, traremos apenas dados do primeiro, que atende o propósito desta pesquisa por exprimir textos recolhidos da fala espontânea. Deste *corpus*, a autora analisa textos orais de 14 informantes tubaronenses estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade, pertencentes ao PROCOTEXTO/UNISUL. De um total de 1220 dados, ocorreram 573 monotongos para /ej/.¹⁷, ou seja, 47%.

As variáveis linguísticas escolhidas pelo programa foram: classe de palavra, tipo de vogal do ditongo (a, e, o), contexto anterior (anterior ao ditongo), contexto posterior (ou contexto seguinte ao glide /j/). As variáveis extralinguísticas controladas foram: localização geográfica, idade (12-16 anos, 25-49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (1ª a 4ª séries iniciais, 5ª a 8ª série ginásial e 1ª a 3ª série do ensino médio)¹⁸. A análise deste *corpus* expressou o contexto fonético seguinte (palatal e tepe) como o único favorecedor da variante monotongada do ditongo [ej] e revelou também que nenhum fator social condiciona a regra.

Amaral (2005) abordou a redução do ditongo [ej] em três municípios do Rio Grande do Sul - São Borja, Panambi e Flores da Cunha - utilizando dados da fala de 42 informantes do VARSUL. As variáveis linguísticas controladas foram:

sexo masculino e 30 informantes do sexo feminino); 2) Faixa etária (20 informantes de 15 a 25 anos, 20 informantes de 26 a 49 anos e 20 informantes com mais de 50 anos); e 3) Anos de escolarização (12 informantes: nenhum; 12 informantes: 1 a 4 anos; 12 informantes: 5 a 8 anos; 12 informantes: 9 a 11 anos; 12 informantes: mais de 11 anos). (HORA; PEDROSA, 2001).

¹⁵ A fonte fonética utilizada é da própria autora.

¹⁶ Não houve percentual geral de /ej/, pois a autora fez uma análise dos três ditongos em conjunto.

¹⁷ O total de dados também inclui ocorrências de /aj/ e /ow/.

¹⁸ A autora utilizou a nomenclatura sobre a variável escolaridade vigente na época de sua pesquisa.

- a) classe de palavras;
- b) contexto fonético seguinte;
- c) posição do ditongo e tonicidade; além das
- d) variáveis extralinguísticas,
 - faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos);
 - grupo geográfico (Flores da Cunha, Panambi e São Borja),
 - de etnias diferentes, sendo a primeira cidade de colonização italiana, a segunda de colonização alemã e a última é uma cidade fronteira com a Argentina, razões pelas quais foram selecionadas; e
 - a escolaridade (primário, ginásio e 2º grau).

Neste estudo, são apontadas como relevantes à aplicação da regra as seguintes variáveis: contexto fonológico seguinte (fricativa palato alveolar e o tepe), tonicidade (sílabas átonas) e classe de palavra (formas não verbais). A única variável social selecionada como relevante foi a faixa etária (menos de 50 anos), que indicou os mais jovens como aliados da regra, em oposição aos mais velhos (mais de 50 anos). De acordo com a autora, a monotongação é condicionada mais por fatores linguísticos (contiguidade do segmento) do que por fatores sociais.

Carvalho (2007)¹⁹ pesquisou o apagamento dos ditongos decrescentes orais /aj, ej, oj, aw, ew, ow na comunidade de fala do Recife, dos quais levaremos em conta apenas os dados e resultados relativos ao ditongo /ej/. A autora entrevistou 48 pessoas, divididas em dois grupos: falantes do subúrbio e falantes de bairros centrais da Capital pernambucana, metade dos quais com escolaridade de nível superior e metade com baixo grau de escolaridade (até quatro anos e mais de quatro anos), todos devidamente distribuídos em três faixas etárias (a-17-25; b-26-49 e c- de 50 em diante). O *corpus* exprimiu o total de 1135 ocorrências, das quais 659 com o *glide* /j/.

As variáveis estruturais testadas foram: posição do ditongo, tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte e classe gramatical e as sociais: sexo, idade, escolaridade e local de moradia. A autora aponta os seguintes fatores linguísticos como motivadores do apagamento do glide /j/ no ditongo /ej/ na fala do recifense: contexto fonológico precedente (vogal posterior), que se destacou em relação aos outros fatores; contexto fonológico seguinte (tepe e palatais) e classe de palavras (nomes, verbos e outros).

¹⁹ A pesquisadora não traz a frequência geral de uso de /ej/, apenas a taxa de /ej/ em relação a /ow/.

Para a pesquisadora, as variáveis sociais não são condicionantes para do glide do ditongo /ej/, ou seja, os condicionantes do processo de apagamento são de ordem estrutural. Os resultados alcançados na pesquisa levaram a autora à constatação de que a supressão do *glide* foi praticamente categórica diante de palatal e tepe.

Farias (2008) investigou a variação do ditongo [ej] na fala do Estado do Pará, partindo de uma amostra constituída por dados extraídos de questionários do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)²⁰. Ao todo, foram utilizados 20 informantes, sendo dez homens e dez mulheres, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária (1 e 2), o grau de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior) e a localidade (Belém, Bragança, Soure e Jacarecanga).

Foram selecionados oito informantes da Capital, Belém, e quatro de cada uma das outras cidades. Os condicionadores linguísticos analisados foram: segmento fonético seguinte, tonicidade da sílaba, estrutura silábica da palavra, posição do ditongo na palavra e classe de palavra que contém o ditongo. Do total de 869 dados, 58% pertencem à monotongação de <ej>²¹. Das variáveis controladas, a mais relevante à redução do ditongo foi o segmento seguinte ao ditongo (tepe e oclusiva velar sonora).

Também exercem papel importante no condicionamento da regra: o tamanho da palavra (polissílabos e trissílabos, principalmente o primeiro), posição do ditongo no interior da palavra (meio), classe de palavra (adjetivo e substantivo). Os fatores sociais favorecedores da monotongação foram: a escolaridade (nível fundamental) e a localidade (Bragança e Soure, principalmente, a primeira) mostraram-se favorecedoras do processo, enquanto o sexo (masculino) e a faixa etária (jovens) apresentaram resultados pouco significativos.

Brescancini (2009) investigou a monotongação dos ditongos decrescentes seguidos por fricativa em *coda* na comunidade de Florianópolis. Para isso, utilizou uma amostra de 48 informantes do VARSUL, 22 homens e 26 mulheres, distribuídos pelas faixas etárias (15-20 anos, 25-40 anos, 41-60 anos, 61 anos ou mais) e anos de escolarização (0-5 anos, 6-9 anos, 11 anos, 14 anos ou mais).

Os fatores linguísticos testados foram: a posição do /S/ no vocábulo: final absoluta ou final diante de vocábulo; contexto seguinte ao /S/ (coronal, labial, dorsal ou zero);

²⁰ Em 1996, teve início o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), cujo objetivo é a descrição do português no Brasil, a partir dos dados de 250 pontos de inquéritos de várias partes do país. A estratificação dos informantes se dá de forma homogênea de acordo com a faixa etária (1. De 18 a 30 anos e 2. de 50 a 65 anos de idade) e o sexo (masculino e feminino). Nas capitais, a variável escolaridade possui 08 informantes, sendo 04 com nível superior e 04 com grau fundamental, já nos outros municípios, são 04 respondentes, todos de nível fundamental. Os questionários ainda estão sendo aplicados aos informantes dessas cidades brasileiras. (FARIAS, 2008).

²¹ Forma de apresentar o ditongo da autora.

sonoridade da fricativa ([+ voz], [- voz]); papel morfológico do /S/ (parte do radical, flexão nominal, flexão verbal). Do total de 875 ocorrências obtidas com o auxílio do programa computacional Varbrul 2S, a redução do ditongo diante de /S/ no açoriano-catarinense ocorre em 27%, dos dados, ao passo que 73% são de manutenção da regra.

Os resultados revelaram como estatisticamente relevantes pelo programa as variáveis: papel morfológico do /S/ (flexão verbal) e sexo (feminino). Para a autora, tal resultado parece indicar que, embora a fricativa palato alveolar favoreça a redução do ditongo que a antecede, há de fato outros condicionamentos estruturais e lexicais que intervêm no processo, ou seja, a redução do ditongo decrescente diante de /S/ é um processo condicionado lexicalmente, mas que ainda denota resquícios de condicionamento estrutural, especificamente o de cunho morfológico. Quanto ao sexo, tanto para homens quanto para mulheres, há ausência de correlação entre redução e prestígio.

Santos e Chaves (2010) pesquisaram sobre a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ por meio de questionário específico de entrevista aplicado na zona urbana do Município de Plácido Castro, no Acre. A amostra foi constituída por 33 informantes, distribuídos segundo o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (de 20 a 45 e de 46 a 74 anos) e a escolaridade (níveis fundamental, médio e superior). As variáveis estruturais observadas foram:

- a) modo ou maneira de articulação da consoante seguinte;
- b) ponto de articulação da consoante seguinte;
- c) número de sílabas das palavras em que ocorre o ditongo;
- d) tonicidade da sílaba em que o ditongo se encontra e a ambiência pré-vocálica do ditongo /ey/. O *corpus* foi composto por 1.501 produções, das quais 519 foram de [ey], tendo sido eliminado 1 vocábulo contendo /ey/ por ser inadequado para os objetivos da pesquisa.

Do total das ocorrências de /ey/, com todos os contextos correlacionados, 55% foram de favorecimento da monotongação, contra 45% de realização do ditongo.

São fatores favorecedores da redução de [ey]:

- a) quanto ao modo e ao ponto de articulação, o tepe, após o ditongo, é o maior favorecedor da regra; e
- b) quanto ao número de sílabas da palavra em que ocorre o ditongo, os vocábulos polissílabos também atuam no sentido de condicioná-la.

As autoras constataam que o apagamento de [j] parece não ser alvo de motivações de natureza social e concluem que o fenômeno é condicionado por fatores internos.

Toledo (2011) investigou a regra de monotongação de [ej] na fala da cidade de Porto Alegre – RS, com esteio na seleção de 14 informantes de nível superior, oito homens e seis mulheres do banco de dados do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta)²², entrevistados nos anos de 1970 e recontatados no final de 1990 pelo Projeto VARSUL.

A amostra, que é de recontato, foi estratificada segundo as variáveis sociais sexo (masculino e feminino) e idade (A: 20-29 anos (NURC); 47-56 anos (VARSUL) B: 30-39 anos (NURC); 57-66 anos (VARSUL) C: 40-49 anos (NURC); 67-76 anos (VARSUL) D: mais de 50 anos (NURC); mais de 77 anos (VARSUL)). Do total de 28 entrevistas, foram coletados 1791²³ dados (760 do Projeto NURC e 1031 retiradas do Projeto VARSUL), dos quais apenas 667 (37%) favoreceram a monotongação de [ej].

Os fatores linguísticos favoráveis a monotongação de [ej] no sul do Brasil foram: o contexto fonológico seguinte (tepe e fricativa palatal), constituindo-se o principal motivador da redução do ditongo; a natureza morfológica (radical) e a classe de palavra (não verbos). Para o autor, nenhum fator social favoreceu a regra e, ao comparar os dois bancos de dados, constata que não há indício de mudança linguística em progresso referente à redução de [ej], concluindo que o fenômeno analisado é um caso de variação estável. Após essas análises, o autor comparou os seus resultados aos estudos de Cabreira (1996) e Amaral (2005), concluindo que estes trabalhos convergem parcialmente.

Araújo (2013) tratou do comportamento variável do ditongo [ej] para as capitais brasileiras da Região Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco) e Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A amostra, estratificada em função: da faixa etária (I – 18 a 30 anos e II- 45 a 60 anos), sexo (masculino e feminino), escolaridade (até a 8ª série do fundamental e ensino superior), é constituída por 56 informantes, oriundos destas nove capitais.

De cada uma destas localidades, foram coletados dados de oito informantes. Foram analisados, do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, os seguintes itens lexicais: prateleira, travesseiro, torneira, peneira, manteiga, teia, peixe, prefeito, bandeira,

²² Em 1969, começou a ser desenvolvido em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador), o projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), com o objetivo de descrever o falar culto brasileiro. Com um total de 1870 gravações de 1570 Horas, o *corpus*, é constituído por informantes com nível superior completo e está estratificado de acordo com as variáveis sociais: monitoramento estilístico (Diálogo entre Dois Informantes, Diálogo entre Informante e Documentador e Elocução Formal), faixa etária (22-35 anos, 36-55 anos e 56 anos ou mais) e sexo (masculino e feminino). (TOLEDO, 2011).

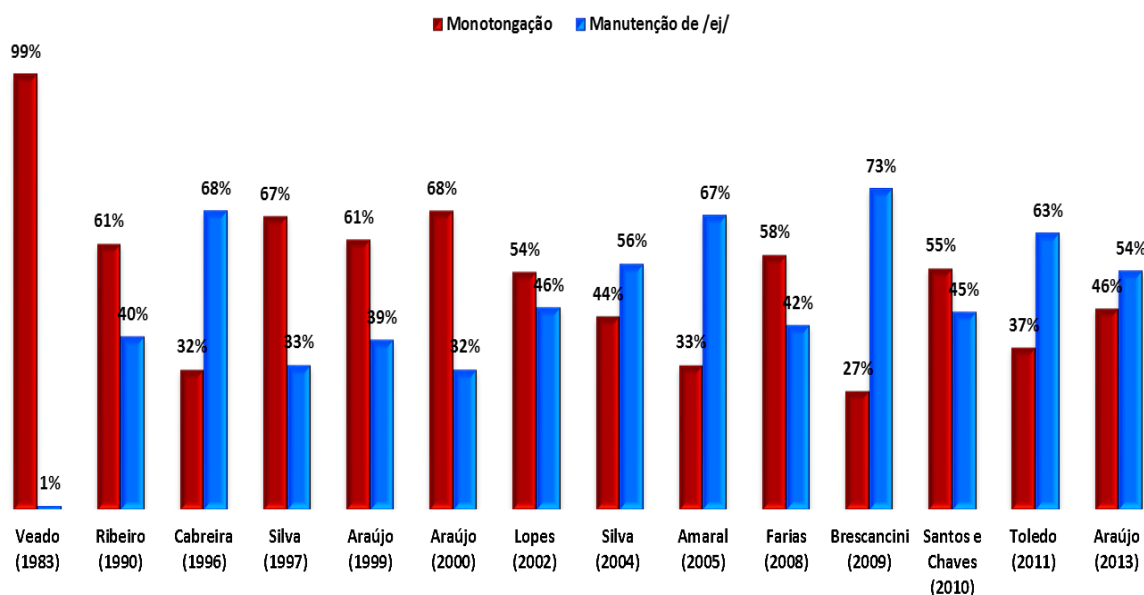
²³ A frequência de Toledo (2011) no gráfico 1 engloba o total dos dois *corpora*, por ser amostra composta dos mesmos informantes reduplicados.

correio, companheiro, peito, meia e beijar. Foram realizadas duas análises: a primeira, composta de 956 ocorrências, das quais apenas 377 demonstram a variante monotongada.

A segunda rodada resultou em 825 ocorrências, das quais 377 foram monotongadas. Os grupos de fatores controlados neste trabalho foram: contexto fonológico seguinte, tamanho da palavra, sonoridade do segmento seguinte, sexo, escolaridade, faixa etária e localidade. A redução do ditongo [ej] recebe interferência dos seguintes fatores: contexto fonológico seguinte (o tepe), escolaridade (os menos escolarizados), localidade (Florianópolis e Manaus) e sexo (homens). Os resultados obtidos indicam que a redução do ditongo [ej] é um caso de variação estável nessa amostra.

A seguir, no gráfico 1, está a frequência geral do uso de /ej/ dos estudos reunidos neste capítulo que nos forneceram os percentuais de aplicação e não aplicação da regra variável.

Gráfico 1 – Frequências gerais do uso de /ej/ e /e/ nos estudos variacionistas



Fonte: elaborado pelo autor

Com esse panorama, é possível observar como o fenômeno se comportou nos últimos 30 anos em âmbito nacional. Esses resultados preliminares confirmam que a supressão de [j] configura um caso de variação estável, embora Veado (1983) tenha demonstrado haver uma mudança linguística em curso que favorece a queda do glide, já que em seu estudo a regra é categórica, com 99% de monotongação.

Os resultados posteriores, contudo, como os de Ribeiro (1990), Silva (1997), Araújo (1999), Araújo (2000), Lopes (2002) e Santos e Chaves (2010) divergem da

constatação de Veado (1983) e mostram que há uma disputa entre a aplicação da regra variável e a manutenção do ditongo, com percentuais variando de 61% a 68%, em favor da aplicação da regra, ao passo que as taxas de Lopes (2002) e Santos e Chaves (2010) revelam uma disputa mais acirrada entre as duas variáveis, tendo o primeiro estudo um percentual de 54% de monotongação contra 46% de manutenção do ditongo,

Já os resultados das outras cinco pesquisas demonstram percentuais que desfavorecem a queda do glide, como pode ser conferido ainda no gráfico 1, com: Cabreira (1996) – 68%, Amaral (2005) – 67%, Brescancini (2009) – 73%, Toledo (2011) – 63% e Araújo (2013) – 54%. Destaca-se a noção de que o estudo de Toledo (2011) foi produzido com amparo em amostras de recontato dos bancos de dados do NURC E VARSUL e os percentuais obtidos formam o somatório das duas amostras.

Em relação ao trabalho realizado por Araújo (2013), sobre a conduta de /ej/ nas regiões Norte e Sul do Brasil, com suporte nos dados do ALIB, de nove capitais, o ditongo se mantém resistente na batalha, embora a diferença de uso seja apenas de 8% também, mas em favor do ditongo, ao contrário do que aconteceu em Lopes (2002).

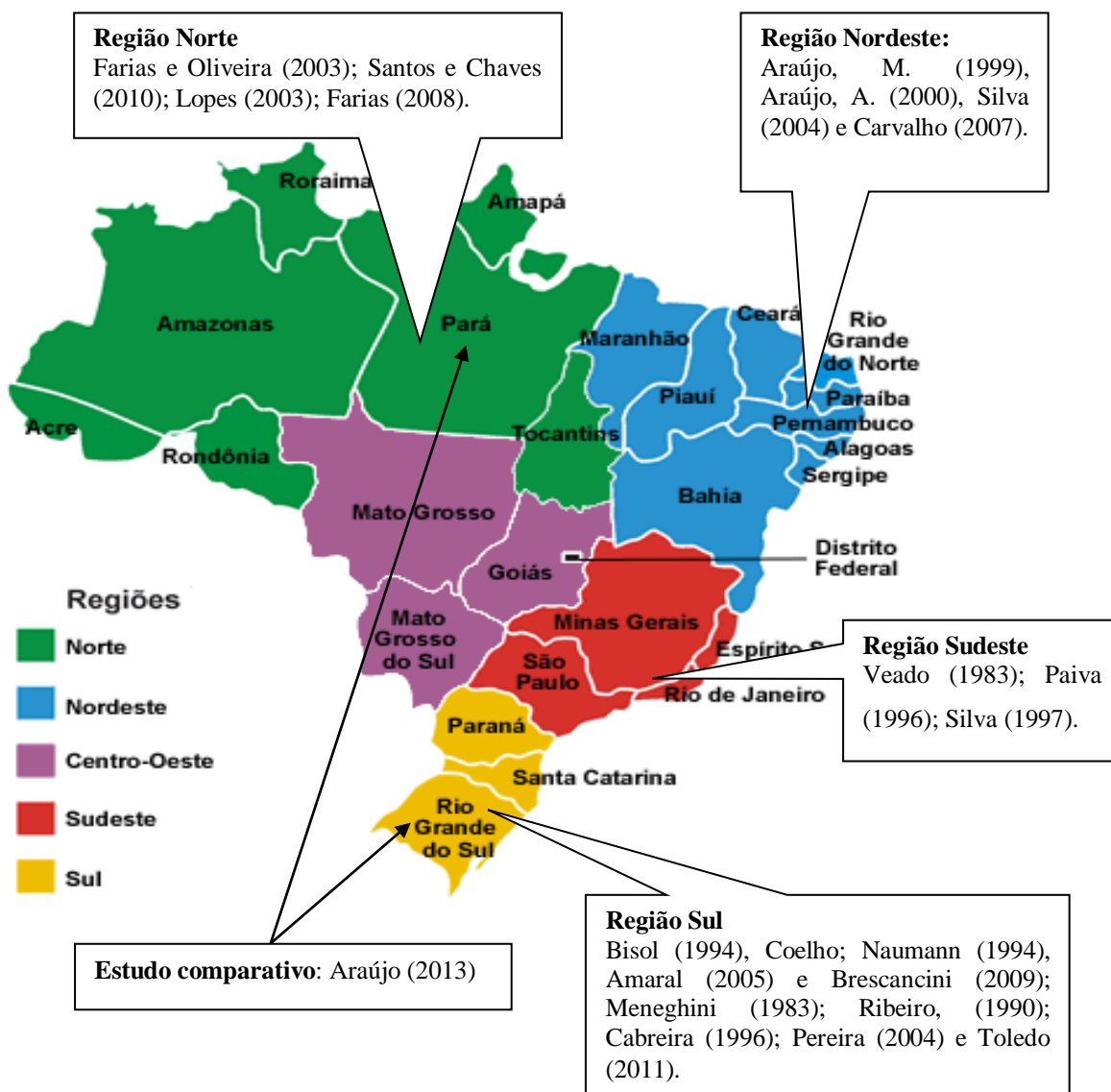
A revisão da literatura do estudo sob relatório serviu para reunirmos as nossas variáveis, além de nos proporcionar uma visão panorâmica do fenômeno em estudo no Território Brasileiro. Também vimos que os grupos mais relevantes para a monotongação foram: contexto fonético seguinte (tepe e palatais) como confirmados por Lopes (2002), Faria e Oliveira (2003), Silva (2004), Carvalho (2007), Farias (2008) e Toledo (2011); extensão do vocábulo (dissílabos e trissílabos), por Ribeiro (1990), Paiva (1996), Araújo, A. (2000), Farias e Oliveira (2003) e Farias (2008); localização do ditongo na estrutura morfologia da palavra (radical), por Cabreira (1996) e Toledo (2011); classe de palavras (não verbos), por Amaral (2005) e Toledo (2011); escolaridade (baixo nível escolar), por Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996) e Araújo, M. (1999); faixa etária (mais jovens) por Amaral (2005) e sexo (homens) Araújo, A. (2000), Araújo (2013).

O conhecimento destas pesquisas propiciou-nos melhor entendimento sobre a regra em foco, demonstrando-nos que tanto fatores linguísticos quanto sociais influenciam na aplicação da monotongação e também nos revelou a carência de um estudo descritivo sobre a regra na fala popular do fortalezense. Com base nisto e no intuito de contribuir com a descrição do português atual, este experimento teve como objetivo principal descrever e analisar, com base na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), a realização variável do ditongo oral decrescente /ej/ no falar popular do habitante de Fortaleza, cuja contribuição

científica desta pesquisa se mostra no desvelamento de como ocorre a monotongação do ditongo citado na norma popular da Capital cearense.

A seguir, na Figura 1, encontra-se a distribuição dos estudos variacionistas no Território Brasileiro selecionados para esta pesquisa.

Figura 1. Distribuição dos estudos variacionistas no Território Brasileiro.



No capítulo seguinte, delineamos a teoria que embasou as pesquisas referidas em nossa revisão de literatura e conseqüentemente serviu de pilar para fundamentar esta pesquisa de base variacionista.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

O conceito de variação/mudança linguística é mais bem compreendido, ao fazermos um breve histórico das visões de língua que a Linguística já viu desfilar em seu campo. A Linguística se estabelece como ciência, ao ter seu objeto de estudo e método investigativo pelo pesquisador suíço Ferdinand de Saussure, do final do século XIX ao início do século XX, o qual delimitou o objeto, a língua e desenvolveu um método de investigação linguística, o estruturalismo. Como resultado desses estudos de Ferdinand Saussure e marco da Linguística como ciência, em 1916, foi publicado o Curso de Linguística Geral, pelos alunos do autor Bally e Sechehaye, tornando-se um modelo teórico reproduzido por várias correntes durante décadas.

Saussure (2009) tinha como objeto de investigação a língua dos membros de uma comunidade linguística, independentemente da pessoa e abstraída da sua existência histórico-social, sendo estudada como algo homogêneo, pois não era a língua falada no dia a dia, ou seja, a língua real. Em seu legado, o Linguista suíço propôs a distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala). A primeira, unitária e homogênea, é a parte essencial para a Linguística, contrapondo-se à segunda, a fala (variável e heterogênea), manifestada como linguagem individual e, conseqüentemente, recheada de variação. Saussure (2009) propôs a segunda dicotomia: sincronia vs. diacronia. Desta forma, o Pesquisador vê a língua como abstração em que ela é imobilizada num certo momento, opondo-se à ideia de considerar as suas mudanças ou sua história.

Saussure, ao explicitar o seu recorte metodológico, o delimita e o define, clara e objetivamente, idealizando-o ao mesmo tempo em que o cria. Na sua abordagem, percebe-se que a língua é apresentada como uma essência em que há a subordinação do objeto a uma determinada perspectiva metodológica. A metodologia saussureana de distinção da língua da fala, separa o que é geral e social do que é particular e, exclusivamente, individual. Essa inequívoca idealização, complementada na noção de sistema de relações, é que cria um objeto científico, ao mesmo tempo em que possibilita separar o essencial, próprio da língua, do que é acessório e acidental, próprio da fala, os chamados aspectos externos, Saussure cria um objeto de estudos de natureza estritamente linguística, a *langue*, como o objeto da Ciência Linguística.

Para Saussure, a *langue* constitui-se como um sistema de signos valioso e essencial, por ser homogênea e social, que vai se acumulando no cérebro dos falantes com procedência das suas práticas da fala, diferente da *parole* que é heterogênea, acessória e

accidental, sendo um ato individual de vontade, consistindo em uma manifestação concreta da *langue*.

Além dos estudos pioneiros do Genebrino sobre a *langue*, outro linguista que buscou demonstrar que a pessoa já nasce dotada de estruturas mentais que sustentam a competência para o desempenho linguístico foi Chomsky (1980), pesquisador estadunidense, ainda nos anos 1950, inspirado no racionalismo e na tradição lógica dos estudos da linguagem. Ele exprime uma teoria a que chama de Gramática, cuja função não é ditar regras, mas envolver todas as frases gramaticais que pertencem à língua.

É dessa maneira que surge a Gramática Gerativa, uma gramática universal, com escopo na qual, por meio de estruturas cognitivas, as pessoas concebem a estrutura da língua (qualquer língua) e assim a aquisição da linguagem acontece. Nesse sentido, os estudos da linguagem parecem ainda focar o inatismo²⁴.

Na verdade, a obra de Chomsky, embora tenha sido intitulada de gerativista (gerar – criar frases) porque permite, desde um número limitado de regras, ensejar um número infinito de sequências, não se afastou do estruturalismo, haja vista o estudo das estruturas de superfície e bases profundas, ou seja, estudo da sintaxe e exame da semântica das línguas. Chomsky retoma a dicotomia saussureana *langue* x *parole*, quando distingue *competence* x *performance*, por considerar a competência o conhecimento linguístico interiorizado por um falante ideal, oriundo de uma comunidade de fala homogênea, negando, então, que neste objeto de estudo da Linguística seja observada a linguagem dentro da sociedade.

Portanto, mesmo com ideias que o levaram a ser reverenciado em âmbito acadêmico como o “pai da Linguística moderna”, a relação entre sistemas heterogêneos ainda não havia ocorrido, se levadas em conta a história da língua amplamente, a interação do seu processo constitutivo e a sociedade, as ideologias e a cultura. Um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis, é um mecanismo (modelo) da Sociolinguística

²⁴ O **inatismo** é uma concepção psicológico-filosófica, defendida pelo linguista Noam Chomsky nos anos de 1950 (1980) sobre o desenvolvimento da linguagem com objetivo de explicar as manifestações linguísticas decorrentes dos primeiros anos de vida. Na sua tese, Chomsky (1981) afirma que o ser humano é dotado de uma gramática inata, nascendo programado biologicamente para determinados conhecimentos e que assinala que as crianças possuem um dispositivo de obtenção da linguagem conatural (‘DAL’) que é ativado com trabalhos que vem a partir de sentenças (input), e que a gramática deriva da língua na qual as crianças estão expostas. Chomsky defende a existência da mente e argumenta que para se explicar e entender como ocorre dado processo de aquisição da linguagem é necessário ir além dos mecanismos fisiológicos; assim, a linguagem não é resultado da convenção, mas uma característica da herança genética humana. Para mais informação consultar: CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1975.

_____. **Regras e representações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Trad. de A. Gonçalves e A. T. Alves. Lisboa: Editorial Caminho, 1994. v.2. (Original publicado em 1986).

_____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: M.I.T Press, 1965.

para formalizar analiticamente os estudos dos padrões de comportamento linguístico observáveis ocorrente em uma comunidade de fala. Seu objetivo é buscar respostas referentes à mudança linguística e que tem base em dois princípios teóricos fundamentais:

- a) para desempenhar plenamente as suas funções, tanto a comunidade quanto o sistema linguístico que a serve devem ser heterogêneos e plurais, o que os difere com a abordagem tradicional de identificação entre funcionalidade e homogeneidade; e
- b) é a variação ocorrida em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados em uma comunidade de fala que atualizam os processos de mudança que se verificam nessa comunidade, ressaltando-se que se ocorrer variação (cf. LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968) motivada por mudança, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

Estudos sociolinguísticos variacionistas têm como interesse central descrever, de modo fundamentado e estatisticamente, um fenômeno variável, para analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala. Para isto, toma em consideração a influência de fatores, interno ou externo ao sistema linguístico, que tem uma ou outra variante. Pela análise de variáveis sociais, a Sociolinguista intenta definir o quadro de variação observado em uma comunidade de fala, identificando a dicotomia entre variação estável e mudança em progresso.

Embora tal heterogeneidade não tivesse surgido ainda, Coelho (2007) argumenta que uma das grandes preocupações do Círculo Linguístico de Praga (de 1926) era o de relacionar os estudos das funções da língua com a sociedade, objetivando dar mais solidez à compreensão fictícia que os estruturalistas/gerativistas tinham da língua, ou seja, um conceito de língua mais relacionado com sua função social, seu funcionamento real e a sua existência concreta.

Sendo assim, o avanço nos postulados estruturalistas de língua da época urgia, passando ao binômio língua e sociedade, sinalizando assim que a Linguística começava a se preocupar com a língua em uso, ou seja, com as manifestações dela em sociedade e, sendo esta última, objeto de interesse da Sociologia, a ligação entre essas duas áreas nos anos de 1950 e 1960 deu origem à Sociolinguística, ramo da Linguística que se interessa pelas relações entre as variações da língua e as sociológicas (COELHO, 2007).

Considera Coelho (2007) ser nesse momento que a mudança²⁵ retoma o seu lugar dentro da Linguística, pois a Escola de Praga contribuiu muito para isso, desenvolvendo uma teoria estrutural para a diacronia, buscando superar assim o postulado saussureano da incongruência: história X estrutura.

Um dos estudiosos que tenta conceituar e definir a Sociolinguística nesse período foi William Bright (1966), quando ministrou uma conferência nos Estados Unidos, em maio de 1964, na Universidade de Los Angeles (UCLA), ao defender um trabalho sob o título *Sociolinguistics*. Nessa época, o californiano se encarrega da publicação das atas dessa reunião, que contou com a presença de William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, Charles Ferguson, entre outros, todos unidos pela vontade generalizada de oferecer a alternativa ao crescente prestígio e predomínio mundial de uma Linguística cada vez mais formal, representada pelas pesquisas de Chomsky (SALOMÃO, 2011).

Foi nesse contexto que Bright buscou formalizar e sintetizar uma escola teórica sociolinguística, cujo objeto de estudo é a diversidade linguística²⁶, em que fatores condicionantes estão relacionados à identidade social²⁷ do falante, à identidade social do destinatário e ao contexto.

Apesar do esforço de Bright, contudo, em delimitar o campo de atuação da sociolinguística, suas teorias tiveram menor impacto do que as pesquisas desenvolvidas por

²⁵ Mudança linguística diz respeito a conceitos teóricos sobre os diversos processos pelos quais mudam os elementos e sistemas linguísticos na dimensão diacrônica e que indicam haver três diferentes formas de desequilíbrio ou rupturas da continuidade linguística – a substituição de uma variedade, a união de variedades e a cisão de uma variedade. A teoria da mudança linguística trata das condições gerais da estrutura para que a mudança inerente ao sistema possa se realizar, do processo de transição com suas fases intermediárias, do encaixamento de uma inovação no sistema linguístico e no contexto sociolinguístico, da importância da avaliação para o processo de generalização das variações e da análise do problema de como se inicia um processo de mudança.

²⁶ Os termos ‘variação linguística’ ou ‘diversidade linguística’, introduzidos na literatura linguística, principalmente a partir da década de 1960 e que se constituíram em objeto de estudo da Sociolinguística, é definida “[...] como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem” (COSTA, 2012 p.5), com base no conceito de variação “Consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso” (COSTA, 2012 p.5). Mais detalhes ver: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua materna. In: SIELP. Anais do... Uberlândia: EDUFU, 2012. v.2, n. 1. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_062.pdf

²⁷ A identidade é uma relação social cuja definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Ochs (1996, p. 289) define ‘identidade social’, “como um termo que pode abranger uma gama de personas sociais que um indivíduo pode reclamar para si ou atribuir aos outros ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes de sua identidade social, como faixa etária, sexo, profissão etc., dependendo com quem se está interagindo e da situação comunicativa na qual se encontra”.

Labov, pois, ao persistir na inovação, formulou apenas vagas ideias sobre a relação entre língua e sociedade e concebe a Sociolinguística como uma abordagem subordinada aos fatores da língua, que viria apenas complementar a Linguística ou a Sociologia e a Antropologia, mas esta subordinação foi aos poucos sendo superada por Labov.

Em 1961, o pesquisador de Nova Jersey, William Labov, após dez anos trabalhando como químico, decidiu investigar sobre a língua inglesa e retornou à universidade, onde percebeu, ao se aproximar da Linguística, que os pesquisadores da área tiravam das suas cabeças os resultados de suas pesquisas. O Linguista surge, então, como o colaborador mais promissor no debate sobre a língua e os fatores sociais que motivam a sua mudança (SILVA, 2009).

Embora Labov não tenha sido o primeiro sociolinguísta na seara da investigação linguística e que modelos do passado mais distante e mais recente certamente o inspiraram na sua concepção de uma nova teoria, como ressalta Tarallo (2007), ao fazer um breve histórico da Sociolinguística Quantitativa, ele deu início a um modelo teórico-metodológico que visa a sistematizar a variação e própria da língua falada. As contribuições de suas pesquisas impulsionaram os estudos dessa natureza a dimensões grandiosas.

O autor ianque desenvolve, então, uma Linguística que testaria, com técnicas de laboratório, as pesquisas sobre língua falada por pessoas comuns dentro de suas comunidades. Labov (1994, p.9) demonstra preocupação com a fala da comunidade explicitada na sua definição da linguagem como “o instrumento de comunicação utilizado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados”.

Labov (2008, p. 150) considera uma comunidade de fala aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística e que é definida “[...] pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões de variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso”. Para ele, os membros de uma comunidade de fala não têm de, necessariamente, falar da mesma forma; eles simplesmente compartilham uma série de avaliações sobre a comunidade de fala.

Ao entender a linguagem como “o instrumento de comunicação utilizado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados”, Labov (1994, p.9) explicita seu interesse no estudo da fala da comunidade. Para o Sociolinguísta de Nova Jersey, os limites que definem a que comunidade de fala um falante pertence estão circunscritos às características essenciais do sistema linguístico abstrato

– a exemplo das regras gramaticais - desse falante em relação à comunidade a que pertence. (LABOV, 2008).

Com suporte da abordagem de Labov, Guy (2001) considera três características essenciais na definição de uma comunidade de fala, acerca dos falantes, que devem

- a) compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos;
- b) ter uma frequência de comunicação alta entre si; e
- c) ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem

A Linguística inicia, com efeito, um processo em busca de uma ciência sistemático-descritiva – a Teoria da Variação – com o modelo de análise de Labov, com características de uma reação à ausência do elemento social no modelo gerativo/estruturalista. De modo incisivo, o sociolinguísta insistiu tanto na relação entre língua e sociedade, quanto na possibilidade (virtual e real) de sistematizar a variação e a própria língua falada (TARALLO, 2007, p.7). O interesse de Labov com a função comunicativa da língua, em seu contexto social e no âmbito da comunidade de fala, é expresso claramente ao defini-la pela participação num conjunto de normas partilhadas.

Nos seus estudos, Labov especifica de que maneira os condicionantes linguísticos influenciaram no uso dos ditongos analisados. Primeiramente, desenvolveu uma pesquisa sobre os ditongos centralizados (ay) e (aw) na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em Massachussetts, nos Estados Unidos, destacando a importância dos fatores sociais para explicar a variação e a mudança linguística, o que resultou em sua publicação de 1963. Naquele estudo, o autor correlaciona fatores como idade, sexo, ocupação, etnia, atitude ao comportamento linguístico dos naturais da ilha, analisando, assim, a língua como um sistema social e estrutural heterogêneo. A primeira constatação foi de que as pessoas da faixa etária de 30-45 anos tendem a centralizar os ditongos mais do que a faixa etária mais jovem ou mais velha. Nas suas pesquisas com os habitantes da Ilha Alta e Ilha Baixa, com os pescadores de Chilmark, por exemplo, Labov constatou que os da Ilha Alta centralizam mais os ditongos do que os habitantes da Ilha Baixa, e que os pescadores de Chilmark centralizam muito mais /ay/ e /aw/ do que qualquer outro grupos ocupacional. Outras constatações do Sociolinguísta indicam que falantes descendentes de ingleses e de indianos tendem mais a centralizar os ditongos do que descendentes de portugueses. Esses resultados são indicativos de que a geração, a ocupação e o grupo étnico devem ser a primeira categorização para se analisar a dimensão social do uso da língua.

Essa investigação marcou a ruptura da definição de língua adotada por Saussure, pelo fato de o Genebrino só considerar em seus trabalhos o estudo da *langue*, ou seja, sistema

de normas abstratas, externas aos falantes e independentes do contexto da enunciação, deixando de fora os fatores extralinguísticos como objetos de estudo na língua, não correlacionando língua e sociedade. (LABOV, 2008).

Como modelo de investigação científica, começou a surgir, em 1964, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Sociolinguística Variacionista), com amparo em outra pesquisa desenvolvida por Labov sobre a estratificação social do inglês em Nova York. Nesse estudo, o pesquisador adota um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, baseando-se no fato de que todas as línguas são heterogêneas, em decorrência de seu dinamismo interno.

O autor desenvolveu suas pesquisas, buscando mostrar a relevância de estudos sobre a natureza da língua e dos fatores internos e externos, motivadores da mudança linguística, assinalando, desse modo, a importância destas para o desenvolvimento da Sociolinguística e, conseqüentemente, de um novo modo de se fazer Linguística. (LABOV, 2006). Com esses estudos, Labov consegue comprovar a variabilidade de usos da língua em função da variável social e define a língua falada como escopo da Sociolinguística.

Para Labov (2008), não há como desmembrar a língua do seu existir nas relações sociais, ou seja, da sua realização concreta, separando-a da sua história ou do seu processo de mudança. Em suas palavras, a variação linguística é ordenada e sistemática, podendo ocorrer no nível fonético/fonológico, morfossintático, discursivo ou semântico. Dessa maneira, a teoria da variação e mudança linguística integra o ramo da Sociolinguística, estudando a língua como meio de comunicação social.

O Pesquisador acentua que a observação atenta do uso real da língua no interior das comunidades de fala revela que ela não é homogênea nem estática, mas denota-se em constante variação, que se correlaciona, sistematicamente, tanto a aspectos extralinguísticos - como gênero/sexo, idade, escolaridade - quanto a contextos linguísticos como fatores semânticos, sintáticos, fonético-fonológicos, entre outros.

Segundo Labov (2008), é possível reconhecer os membros de uma comunidade linguística pelo fato de eles compartilharem um conjunto de normas de uso que são expressas, quer pelos julgamentos explícitos, quer pela uniformidade dos esquemas de variação, observados na sua produção linguística. Sendo assim, dentro de uma mesma comunidade linguística, pode haver grupos sociais que seguem padrões linguísticos distintos dos prescritos oficialmente.

Tais usos são discriminados por não se reconhecer que a variação linguística ocorre de forma sistemática e organizada. Uma das funções do sociolinguísta é justamente

esta: a de identificar a variação e estabelecer a existência da regularidade dos distintos usos da língua, mediante a análise de dados reais.

Retomando o estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard e o inglês usado em falas da cidade de Nova York, Chambers (2009), nos anos de 1990, considerou terem sido esses estudos de Labov tão importantes que os situa como marco inicial das pesquisas em Sociolinguística (Variacionista), pois, de fato, a sua exemplar investigação em Nova York inspirou muitos linguistas a saírem de seus laboratórios e irem para as ruas, munidos com papel e gravador, indo ao campo de fato e colhendo dados de falas reais dos membros da comunidade nos anos seguintes, algo que não ocorria anteriormente nas pesquisas linguísticas.

Assim como Chambers (2009), mais recentemente, Silva (2009), ao analisar a origem e desenvolvimento das ideias de Labov, também acentua que o autor deve ser reconhecido por sua enorme originalidade e inovação na Ciência da linguagem humana. Essa originalidade sucede por sua ousadia em desenvolver uma abordagem caracterizada como empírico-objetivista, com métodos próximos aos das Ciências Exatas.

Silva diz ainda que

A sua capacidade analítica e de compreensão do mundo ao seu redor, sem ignorar os fatos reais da vida cotidiana e o seu comportamento não-conformista e progressista, aliados ao sentimento de mudança que dominava os debates dos anos 1960, fizeram surgir a sua proposta de estudo da língua e o tornaram um pesquisador influente na área. Labov é conhecido no mundo por ter criado a maior parte dos componentes da metodologia sociolinguística e inovado ao introduzir técnicas quantitativas, próprias das ciências exatas e biológicas ao estudo da variação e da mudança linguística, dando à linguística uma faceta mais social e mais científica. (2009, p.8).

Para entendermos como surgiram os pilares da teoria que rege a Sociolinguística Variacionista, em 1968, Labov, Weinreich e Herzog publicaram um artigo sobre a comunidade de fala com suas variantes, estilos, linguagens e dialetos, sob o título *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, produzido para uma conferência na Universidade do Texas. O tema desse trabalho levava em conta o fato de que, se a língua é o objeto de estudo da Linguística, então, os dados de fala precisam ser considerados, para que se possa analisar a mudança e a variação nas línguas. É, então, nesse ano que a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* se consolida e dá uma resposta concreta às abordagens estruturalistas que não estavam interessadas em analisar o comportamento social dos falantes, já que o social era tido como uma idealização (abstração) de língua.

Weinreich, Labov e Herzog lançaram, naquela ocasião, os fundamentos empíricos norteadores dessa teoria, os quais nenhuma corrente teórica deve ignorar, visto que o tema central da abordagem praticada por Labov está na forma como uma língua falada por uma comunidade de fala muda com o tempo.

A noção de comunidade de fala, entendida por Labov (2008) e reforçada por Alkmim (2011), envolve um grupo de pessoas que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua, não significando dizer que se constitui por pessoas que falam do mesmo modo, mas por aqueles que interagem verbalmente, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

É, pois, amparado pela visão progressista de Uriel Weinreich, seu professor, que Labov ignora todas as restrições impostas pelo estruturalismo, entendendo que essa corrente não é suficiente, tão pouco operante no tratamento das mudanças linguísticas, já que adota um modelo teórico que não leva em consideração as transformações, a heterogeneidade da língua, sendo, portanto, incapaz de dar conta das questões da variação. Desde então, desenvolve sua abordagem empírica ao estudo do vernáculo empregado pelos falantes em suas interações face a face (SILVA, 2009).

Nasce, com efeito, a concepção de uma heterogeneidade ordenada (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006), contrariando Saussure (2009), que propôs o estudo do sistema desvinculado da sociedade, pois, “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade”. (CALVET, 2002, p.14).

Para Labov (2008), a língua é um fenômeno social e cultural com variações que podem ser mensuradas e sistematizadas, com base num levantamento probabilístico de ocorrências das variáveis na fala das pessoas da comunidade. À descrição estatística desses fenômenos variáveis, pela qual se calcula a influência de fatores linguísticos e não linguísticos na realização de variantes, dá-se o nome de Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa.

Esse modelo teórico-metodológico considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que as explicações para os fenômenos variáveis advêm não só de fatores internos ao sistema linguístico, mas também de fatores externos a ele (CARVALHO, 2007).

Cabe, pois, à Sociolinguística Variacionista investigar o grau de estabilidade da variação, prever o seu comportamento regular e sistemático e definir se o caso em estudo é de variação estável ou de mudança em progresso. Por isso, pode-se dizer que o objetivo da Sociolinguística Laboviana é o de sistematizar o ‘caos aparente’, ou seja, trazer os processos

reguladores da variação ocorrentes nas línguas naturais de maneira cientificamente estruturada.

Para tanto, o pesquisador-sociolinguísta tem a missão de indicar, definir, caracterizar e analisar a situação de conflito das variantes em competição, pois é somente com o envelope de variação, ou seja, do perfil individual de cada variante, que se pode explorar os contextos mais favoráveis à derrota de uma e à vitória de outra (TARALLO, 2007).

Ademais, a pesquisa sociolinguística quantitativa pretende alcançar, além da sistematização da variação, o seu encaixamento linguístico e social e a relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um *corpus*, selecionado desde de determinadas características sociais, correlacionadas a variáveis linguísticas, que podem ser de ordem fonético-fonológica, morfossintática, semântica, entre outras.

Para investigar uma mudança linguística, alguns princípios concernentes aos fundamentos empíricos dessa teoria precisam ser observados, pois qualquer teoria da mudança, mesmo a mais modesta, deve pressupor respostas a algumas questões cruciais que envolvem a instalação de uma variante e, para isso, o pesquisador terá que resolver cinco problemas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), assinalados à frente.

- a) **1** Os fatores condicionantes – procura-se compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de teor linguístico.
- b) **2** O encaixamento da variação – atenta-se para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes fatores linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social.
- c) **3** A avaliação das mudanças – estuda-se os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive interacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala.
- d) **4** A transição – investigam-se e compreendem-se os estádios intervenientes dos dois estados da língua - como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas coexistem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.
- e) **5** A implementação – analisam-se os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem

em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas.

O problema da transição diz respeito à trajetória da mudança, isto é, como as formas linguísticas mudam de um estágio para outro. Essa transição não ocorre de maneira brusca. De acordo com os autores, ela passa por três fases:

- a) o falante aprende uma forma nova;
- b) ela passa a coexistir com outra forma já inserida no sistema; e
- c) a forma antiga se torna obsoleta e cai em desuso.

O problema do encaixamento procura analisar o modo como a mudança estudada se encaixa na estrutura linguística e na base social da comunidade de fala, uma vez que essas duas realidades são interdependentes para os estudos variacionistas. O problema da avaliação é relativo à consciência linguística dos falantes, ou seja, como eles avaliam os usos linguísticos da comunidade à qual pertencem. Essa avaliação pode interferir no processo de mudança, uma vez que os falantes tendem a evitar as maneiras linguísticas estigmatizadas e supervalorizar aquelas que gozam de prestígio no seio social. Por último, o problema da implementação tem como objetivo descrever os fatores sociolinguísticos responsáveis pela mudança e por que essa mudança ocorre em determinada época e não em outra.

Esses cinco problemas brevemente expostos há pouco representam os obstáculos que o pesquisador sociolinguísta deve cuidar de superar para que os fenômenos da variação e mudança linguísticas sejam empiricamente analisados.

A dimensão quantitativa dos estudos variacionistas é conteúdo relativamente complexo, de tal sorte, para estudarmos a mudança linguística, é necessário atentarmos ainda para sete asserções gerais sobre a natureza da mudança linguística, elaboradas por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e que indicaremos a seguir:

Em primeiro lugar, a mudança linguística não é aleatória, tampouco ressaí da variação intrínseca da fala, pois ela inicia quando uma alternância específica de um certo subgrupo da comunidade de fala se generaliza e segue uma direção, assumindo caráter de uma diferenciação ordenada.

Em segundo lugar, essa diferenciação ordenada dos falantes, em que o falante nativo domina a língua e controla as estruturas heterogêneas e dos estilos por intermédio de regras que governam a variação na comunidade de fala estão inclusas na estrutura linguística, negando assim ligação entre estrutura e homogeneidade.

A terceira envolve a ideia de que, se há mudança, há variabilidade e heterogeneidade, todavia nem sempre quando ocorre variação na estrutura linguística, implica mudança.

A quarta asserção diz respeito à generalização da mudança linguística, abrangendo a covariação de transformações ocorridas por extensos períodos e está demarcada por isoglossas (fronteiras dialetais) em áreas geográficas, além do que o trio WLH acentua que tal mudança, por meio da estrutura linguística, não é instantânea nem uniforme.

No quinto item, é ressaltado o fato de que as gramáticas em que acontece a mudança linguística são as da comunidade de fala, pelo fato de as estruturas variáveis da língua serem determinadas por funções sociais.

Na penúltima consideração, é postulado a noção de que a mudança não está restrita a etapas discretas na família, entre pais e filhos, mas é transmitida na comunidade inteira.

Por fim, os teóricos assinalam que, para explicar o rico volume de regularidades observáveis nos estudos empíricos do comportamento linguístico, os fatores linguísticos e sociais devem estar intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Retomando sobre a variabilidade, Bagno (2001) ensina que a Sociolinguística mostra toda língua mudando e variando, quer dizer, muda com o tempo e varia geograficamente e de acordo com a situação social do falante. Nesta mesma linha de raciocínio, Labov (2008) explica dois conceitos que mereceram atenção para esta pesquisa, que são variável e variante. .

Para o Autor ianque, variante é o termo usado para identificar cada possibilidade de uso na comunicação que tenha o mesmo valor de verdade e seja empregada no mesmo contexto, ou seja, são formas linguísticas em variação nas comunidades de fala, como, por exemplo, as duas formas de dizer a palavra queijo e qu[e]jo chamamos de variantes.

A variável linguística é o fenômeno em si, é o conjunto das variantes, que dependerá sempre de outros fatores, os quais podem ser linguísticos quando é o próprio fenômeno variável ao ser tomado como objeto de estudo pelo pesquisador. Também podem ser extralinguísticos, que motivam a ocorrência da variação, como entendido pela Sociolinguística em que o emprego das variantes tem influência de grupos de fatores de natureza social (externos à língua) ou estrutural (internos à língua) e que podem ter reflexos sobre os usos (LABOV, 2008).

Há dois modos de observarmos se o fenômeno em estudo está em variação estável ou se já há uma mudança em andamento: a observação em tempo aparente, isto é, um estudo feito com amparo num recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias. A observação em tempo real analisa dados de fala em períodos longos, de recontato, pesquisados em gerações diferentes.

Denominam-se estudo de tempo real nas pesquisas em que se analisam mudanças em uma comunidade linguística, comparando os modos de falar das pessoas em um determinado intervalo de tempo (em décadas ou uma geração ou séculos depois)²⁸. (MEYERHOFF, 2006; tradução nossa).

A abordagem da pesquisa em tempo aparente, que é uma imitação do tempo real, com base no levantamento, codificação e interpretação/análise linguísticas dos dados numéricos/empíricos, foi empregada nesta investigação, aplicando dados do projeto NORPOFOR. Isso nos permitiu avaliar o quanto cada categoria em análise contribuiu para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição e revelar que fatores condicionam a variação de uma estrutura linguística em uma dada comunidade ao longo do tempo, podendo-se inferir se a variação é estável ou se já há mudança em curso.

Os tipos de variáveis com que a Sociolinguística Variacionista opera são: variável dependente e variável independente. Para Guy e Zilles (2007), os estudos sociolinguísticos pressupõem a realização de análises quantitativas que possibilitem o estudo da variação, permitindo ao pesquisador sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e a sua relação com a mudança linguística.

A terminologia adotada em estudos dessa natureza vem da Estatística e implica a relação causal entre duas dimensões distintas, isto é, acreditamos que a manutenção do ditongo ou a sua supressão dependam dos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Portanto, para estudar e descrever o fenômeno da monotongação de /ej/, o investigador deve entender que a variável dependente diz respeito à manutenção do ditongo ou a sua forma monotongada (variante), desde que se mantenha o mesmo significado referencial em dado contexto.

Aos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variável dependente, dá-se o nome de variáveis independentes. O pesquisador poderá, após análise linguística cuidadosa, descrever o perfil de uma dada comunidade de fala em torno do

²⁸ Texto original: “The evidence for this can be seen in what are known as real time studies (because they involve comparing the way people talk at one point in time with the way they talk a decade, or a generation, or a hundred years later”. (MEYERHOFF, 2006, p.152).

fenômeno, considerando a correlação entre os fatores internos e externos e, assim, poder verificar se há uma mudança linguística em andamento ou se o caso é de variação estável.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.139) preconizam a ideia de que a mudança é consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. Um dos postulados que embasam a Teoria da Variação e Mudança Linguística é que toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, mas nem toda variabilidade e heterogeneidade envolvem mudança.

Assim sendo, optamos por esse arcabouço teórico-metodológico por melhor atender às necessidades deste experimento acadêmico, considerando que a Sociolinguística Variacionista busca descrever, utilizando expedientes de análise estatística, como o GoldVarb X (2005), os fenômenos variáveis, calculando a influência de fatores estruturais e sociais na sua realização. Para isso, é preciso compreender como esses fenômenos se comportam, de modo a ser possível descrevê-los, analisá-los e, assim, podermos contribuir com os estudos sobre variação linguística no Brasil.

No capítulo seguinte, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

O aporte teórico-metodológico adotado nesta pesquisa foi a Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Weinreich, Labov e Herzog (2006) e de Labov (2008, 1994, 2010), também conhecida por Sociolinguística Quantitativa, cuja denominação já sugere um modelo que trabalhe com números e análise estatística de dados, coletados desde a comunidade de fala tomada, de forma aleatória e balanceada. É uma ciência que, de acordo com Bright (1966, p.17), tem a função de “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção”. Assim sendo, o objetivo da Sociolinguística é a descrição das línguas e, para isso, utiliza a diversidade linguística dentro da comunidade de fala, ou seja, analisa o fenômeno linguístico inserido no âmbito social.

O objetivo da Sociolinguística Laboviana é descrever o fenômeno a ser estudado com fundamento nas relações entre as estruturas linguísticas e os fatores extralinguísticos (sociais), realizando cruzamentos estatísticos e interpretando-os (CALVET, 2002), podendo ser utilizada para o estudo de qualquer fenômeno variável em qualquer nível e manifestação da língua.

A Sociolinguística Variacionista é caracterizada por sua metodologia empírica, ou seja, de dados reais, produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, captados pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas. A coleta de dados de fala espontânea, porém, não é tarefa simples nem rápida.

Portanto, é comum a utilização de bancos de dados constituídos nos padrões variacionistas para a pesquisa de vários fenômenos de variação linguística. Alguns destes bancos (a exemplo, VALPB, VARSUL, NURC, NORPOFOR, PORCUFORT) ficam disponíveis na internet, com amostras de áudio e de transcrição dos dados. O próprio Labov, na elaboração do projeto *Atlas of North American English* (LABOV; ASH; BOBERG, 2006), contou com amostras de dados de fala, previamente coletadas e disponibilizadas no sítio http://www.ling.upenn.edu/phono_atlas/home.html.

Já de posse dos indicadores, um dos desafios para o pesquisador sociolinguísta é conseguir isolar e avaliar separadamente cada fator que influencia a ocorrência do fenômeno, pois, no uso real da língua, tais fatores atuam sempre em conjunto, agindo ao mesmo tempo sobre as variantes, sendo este um trabalho que requer o auxílio de programas estatísticos,

específicos, produzidos para contabilizar dados de fala, como os do pacote VARBRUL, sendo o GoldVarb X a sua versão mais atual e a que foi utilizada nesta investigação. Apesar das dificuldades e desafios próprios da procura variacionista, o método quantitativo se mostrou eficaz por nos permitir demonstrar o quão central a variação é para o entendimento de questões como a comunidade de fala, identidade, preconceito linguístico, estigma, entre outras.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa buscaram seguir os pressupostos por Labov, diferenciando-se somente o fenômeno variável. Labov analisou a centralização dos ditongos e esta investigação buscou observar o apagamento do glide que compõe o ditongo /ej/ na comunidade de fala fortalezense.

4.2 COMUNIDADE DE FALA: A CAPITAL CEARENSE

Fortaleza, capital do Estado do Ceará, serviu como comunidade de fala para compor o *corpus* do projeto NORPOFOR. Na época da coleta de dados, início dos anos de 2000, a cidade possuía uma população de 2.452.185 de habitantes, de acordo com o censo do IBGE (2015). Atualmente, o mesmo órgão estima que chegue a 2.591.188 até o final do ano de 2015. A cidade está situada no Nordeste do Brasil, distando 2.285 quilômetros da Capital do País, Brasília, tendo como lema a palavra em latim *Fortitudine*, inscrita em seu brasão, que em português significa: "força, valor, coragem". A toponímia da cidade alude ao Forte Schoonenborch, construído pelos holandeses durante sua segunda ocupação do local de 1649 a 1654 (IBGE, 2015).

Embora não seja objetivo desta seção reproduzir uma historiografia de Fortaleza, consideramos relevante elaborar esta síntese, pesquisada em fontes históricas e relatos de estudiosos sobre a Capital do Ceará, de modo a melhor situarmos, no tempo e no espaço, o Município que serviu de campo de coleta de dados do Projeto NORPOFOR e do qual foi selecionada a amostra de estudo desta Dissertação.

Segundo alguns registros da historiografia do Ceará (POMPEU SOBRINHO (1880-1967 *apud* FARIAS, 2004; LEMENHE (1991); (ARARIPE, 2002); FARIAS, 2004; SILVA FILHO, 2004; BRUNO; FARIAS, 2011; A POLÊMICA, 2013), o território onde Fortaleza está situada já era conhecido pelos europeus antes mesmo da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Pompeu Sobrinho (1880-1967 *apud* FARIAS, 2004), em retrospectiva histórica sobre o Ceará, indica que a povoação desse território tenha,

provavelmente, iniciado há cinco mil ou quatro mil a.C., com possibilidade dos seus primeiros ocupantes terem chegado pelo Piauí.

Pompeu Sobrinho (1880-1967 *apud* FARIAS, 2004) explica que estudos arqueológicos mais recentes mostram data anterior, com possibilidade de os seus primeiros ocupantes terem chegado pelo Piauí e que, entre os povos que habitavam as imediações do território onde hoje é Fortaleza, estavam os anassés, potiguaras, paiacus e jaguaribaras.

A existencia de europeus nesse território é descrita nas expedições dos espanhóis Vicente Yañez Pinzón (companheiro de viagem de Cristóvão Colombo) e Diogo de Lepe, que desembarcaram nas costas cearenses antes da viagem de Cabral, que desembarcaram no cabo Ponta Grossa (atual Aracati), chegaram ao atual Mucuripe, que Diogo de Lepe chamou de *Rostro Hermoso* e Barra do Ceará. Houve tentativas de ocupação do território no final do século XVI, com a migração de habitantes do Forte dos Reis para às margens dos rios Cocó e Ceará. (POMPEU SOBRINHO (1880-1967 *apud* FARIAS, 2004).

Do século XVII em diante, portugueses e holandeses ocuparam o território (entre os rios Ceará e Mucuripe). Em 1603, Pero Coelho de Sousa aporta às margens do rio Ceará e ergue o Fortim de São Tiago, dando origem ao povoado de Nova Lisboa, tentativa frustrada por adversidades ambientais (a seca de 1605, violência e medo). Como relata Araripe (2002), o Ceará serviu de passagem para a tentativa de conquista do Maranhão por Pero Coelho (capitão-mor em 1603), o que não teve êxito e ele foi obrigado a permanecer às margens do rio Ceará. No local, foi erguido o forte de São Tiago, ao redor do qual se formou a população de Nova Lisboa. Com a chegada dos padres jesuítas ao território, foi fundada a aldeia Paupina, que deu origem a Messejana. Em 1611-1612, veio para o Ceará o capitão-mor Martim Soares Moreno, que edificou o forte de São Sebastião, levantando, também, uma igreja para Nossa Senhora do Amparo.

Em 1637, os holandeses, sob o comando de Hendrick van Ham, tomaram o forte e, sob o comando de Gedeon Morris de Jonge, deram início à exploração de salinas. Pequenas fortificações foram erguidas em Jericoacoara e Camocim, e foi iniciada a atividade econômica, sendo os ocupantes do forte mortos pelos índios. (SILVA FILHO, 2004). Em 1649, Matias Beck comandou nova equipe para tomar o forte, mantendo o ancoradouro no Mucuripe. Instalou o forte numa elevação próxima ao Pajeú (em 10 de abril de 1649), que recebeu o nome do governador holandês à época no Brasil, Schoonenborch (SILVA FILHO, 2004).

Com o acordo entre Portugal e Espanha para que aquelas terras ficassem pertencendo a Portugal, os holandeses tiveram que abandonar o forte e voltar à Holanda,

ficando o local comandado pelo capitão-mor português Álvaro de Azevedo Barreto, que ergueu uma capela e mudou o nome do Forte de Schoonenborch (significando Bela Fortaleza) para Forte de Nossa Senhora da Assunção, local onde atualmente está o quartel da 10ª Região Militar. (SILVA FILHO, 2004).

Vários estudos acentuam o fato de que não havia interesse dos portugueses pelo Território Cearense. Lemenhe (1991) relata que o forte, tomado sem resistência, teve o nome mudado para Nossa Senhora da Assunção (padroeira de Fortaleza), mas que, mesmo estando o povoado ao lado do forte, sua expansão foi tão lenta que o desenvolvimento de Fortaleza é considerado uma exceção na história colonial, se comparada a cidades surgidas no período, como Rio de Janeiro ou Belém, que se desenvolveram por serem centros de escoamento da produção para o mercado externo, além de serem sede da estrutura militar e burocrática. Assim, durante um longo período, Fortaleza teve apenas uma função defensiva, com população estimada pelo capitão-mor Pedro Lelou (1696) de cerca de 200 pessoas, a maioria residindo em casas de palha. (LEMENHE, 1991),

Como nos relatam Bruno e Farias (2011), até se escolher definitivamente Fortaleza para sede, houve mudanças de local: Aquiraz, Pajeú, foz do rio Ceará e, por fim, em 27 de junho, a vila de São José de Ribamar foi instalada em Aquiraz. Posteriormente (18 de agosto de 1713), com a ‘guerra dos bárbaros’, os índios anassés atacaram a primeira vila do Ceará, provocando a morte de 200 pessoas e nova mudança dos sobreviventes para o forte do riacho Pajeú, sendo instalada a segunda vila, que também se denominou de São José de Ribamar (13 de abril de 1726), havendo por um período duas vilas por ordem régia. Tempo depois uma passou a se chamar Aquiraz e a outra, Fortaleza.

Com o desmembramento do Ceará em relação a Pernambuco, em 1799, Fortaleza teve como elementos impulsionadores do seu progresso o desenvolvimento da cultura do algodão, o aumento das navegações com a Europa (em 1812), a criação da Alfândega de Fortaleza e a construção da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção onde era o Forte de Nossa Senhora da Assunção (em 1810). Em 1823, foi elevada a cidade, com nome de Fortaleza de Nova Bragança, e por fim Fortaleza

No século XIX, Fortaleza denotava mudanças positivas nas suas condições urbanísticas, com a construção do Liceu do Ceará e do Farol do Mucuripe (1845), da Santa Casa de Misericórdia (1861), do Seminário da Prainha, terminado em (1864), do sistema de abastecimento de água (1866), da Biblioteca Pública (1867) e da Cadeia Pública (1870).

Desde o início do século XX, Fortaleza foi dividida em dois distritos: Fortaleza e Patrocínio. O decreto estadual de 1933 criou os Distritos de Messejana e Mondubim e

incorporou ao Distrito de Fortaleza o extinto Município de Porangaba. A Prefeitura, então, dividiu a cidade em sete distritos: Fortaleza, Alto da Balança, Barro Vermelho, Messejana, Mondubim, Parangaba e Pajuçara, não mais figurando o distrito de Patrocínio. No ano de 1936, o distrito de Pajuçara passou a denominar-se Rodolfo Teófilo. Atualmente, o Município é composto de 116 bairros e seis secretarias executivas regionais (SERs), como unidades administrativas diretas da Prefeitura, para execução dos serviços públicos em cada área (BRUNO; FARIAS, 2011).

Fortaleza, capital do Estado do Ceará, serviu como comunidade de fala para compor o *corpus* do projeto NORPOFOR. Na época da coleta de dados, a Cidade possuía uma população de 2.452.185 habitantes, de acordo com o censo do IBGE (2015). Atualmente, o mesmo órgão estima que chegue a 2.591.188 até o final do ano de 2015.

A relação da cidade de Fortaleza, a que chamamos de comunidade de fala, baseado no conceito de Labov (2008), com o *corpus* desta pesquisa se dá pelo fato de a coleta dos dados de fala ter ocorrido com informantes de todos os bairros/regionais da Capital cearense, seguindo os critérios rigorosos da Sociolinguística Variacionista no que diz respeito à escolha dos informantes e às entrevistas. Além disso, O NORPOFOR se encaixa no objetivo desta pesquisa, que é estudar o falar popular.

4.3 O *CORPUS*

Esta pesquisa foi realizada com base em dados colhidos das gravações do *corpus* do Projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), constituído, no período de agosto de 2003 a julho de 2006, sob a coordenação da Professora Doutora Aluíza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, com o objetivo de documentar e fornecer dados de língua falada, em contextos de fala distintos, para estudo da variedade popular do português falado em Fortaleza. (ARAÚJO, 2011)

Segundo Araújo (2011), o NORPOFOR é o *corpus* mais recente que temos sobre a variedade falada localmente na norma popular, com um total de 198 informantes e esse foi um dos motivos que nos levaram a analisá-lo. O outro pretexto foi o fato de este banco de dados oferecer uma estratificação da amostra totalmente balanceada, quanto às entrevistas do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador, escolhidas por nós para a coleta de dados.

A distribuição dos informantes no NORPOFOR se dá em função das seguintes variáveis: gênero (104 homens e 94 mulheres), faixa etária (I: 15 a 25 anos – 62 falantes; II:

26 a 49 anos – 75 indivíduos; e III: a partir dos 50 anos- 61 pessoas), escolaridade (A: 0 a 4 anos – 58 informantes; B: 5 a 8 anos – 69 falantes; e C: 9 a 11 anos – 71 indivíduos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID – 85 falantes; Diálogo entre Dois documentadores: D2 – 74 indivíduos; e Elocução Formal: EF – 39 pessoas), como mostra o quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Distribuição dos informantes do NORPOFOR

Quadro de Distribuição dos informantes por gênero, idade, tipo de registro e escolaridade																		
Gênero																		
Masculino																		
Feminino																		
Reg.	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Esc. F. Et.	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: Araújo (2011, p. 839).

Em relação ao local de moradia, os informantes do NORPOFOR são oriundos de 69 bairros, divididos em seis secretarias executivas que compunham o Município de Fortaleza à época da coleta de dados, representando, assim, a área geográfica completa da Cidade, como segue no quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição dos bairros de Fortaleza, em Regionais no NORPOFOR.

REGIONAIS	BAIRRO/NÚMERO DE INFORMANTES
I (49 informantes)	Álvaro Weyne (05), Barra do Ceará (11), Carlito Pamplona (04), Cristo Redentor (05), Ellery (02), Farias Brito (06), Jacarecanga Jardim Guanabara (03), Jardim Iracema (01), Jangurussu (01), Monte Castelo (04), Pirambu (02), São Gerardo (02) e Vila Velha IV (01);
II (18 informantes)	Aldeota (02); Cidade 2000 (05), Cocó (01), Dionísio Torres (01), Joaquim Távora (02), Papicu (01), Praia do Futuro (03), Praia de Iracema (01), São João do Tauape (01) e Varjota (01);
III (42 informantes)	Antônio Bezerra (11), Bela Vista (02), Bonsucesso (02), Henrique Jorge (08), João XXIII (01), Jóquei Clube (07), Parque Araxá (01), Parquelândia (03), Pici (01), Presidente Kennedy Quintino Cunha (04) e Rodolfo Teófilo (01);

IV (30 informantes)	Alto Alegre (02), Couto Fernandes (01), Demócrito Rocha (03), Fátima (05), Jardim América (01), PanAmericano (02), Parangaba Santo Amaro (02), Parque São Miguel (01), Serrinha (02), Vila Betânia (01), Vila Pery (02) e Vila União (02);
V (37 informantes)	Bom Jardim (03), Conjunto Ceará (13), Conjunto Esperança (01), Conjunto Nova Metrópole (01), Granja Portugal (02); Conjunto Walter (03), Maraponga (03), Mondubim (04), Parque Santa Rosa Parque São José (03), Siqueira (01) e Vila Manoel Sátiro (01);
VI (22 informantes)	Aerolândia (04), Alagadiço Novo (01), Barroso (01), Castelão (02), Cidade dos Funcionários (01), Messejana (11), Passaré (01) e Tancredo Neves (01).

Fonte: Araújo (2011, p.839-840)

4.4 AS ENTREVISTAS

Na descrição da entrevista, Araújo (2011) indica, como modo seguro para o entrevistado atender aos critérios estabelecidos na coleta de dados, que o próprio entrevistador preenchesse um formulário descrevendo as características socioeconômicas e culturais de cada informante. A coleta antecipada dessas informações sobre o informante deu ao entrevistador melhor conhecimento do entrevistado, o que lhe permitiu elaborar perguntas durante a gravação das entrevistas.

Ainda de acordo com Araújo (2011), fazer as perguntas de uma forma natural e em um ambiente descontraído, também, foi um modo adotado para facilitar a coleta da fala espontânea dos informantes. Para tanto, foi usado, para o DID, o método narrativa de experiência pessoal, incluindo perguntas sobre vivência (tais como infância, família, trabalho, lazer, entre outros), cujos temas foram escolhidos pelos próprios informantes. Segundo Tarallo, (2007, p.21), o método da entrevista sociolinguística deve “minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados”.

Para evitar respostas monossilábicas dos informantes no DID, Araújo (2011) explica, também, que a intenção era conseguir um número robusto de dados da fala do informante, de tal modo que as perguntas foram formuladas no intuito de alcançar esses objetivos. No DID, os entrevistados escolhiam o local da entrevista (trabalho ou residência ou a escola ou mesmo a casa de um parente ou amigo).

Araújo (2011) explica que, no momento da autorização dos informantes para a gravação da entrevista, os entrevistados foram apenas informados dos objetivos histórico e cultural da pesquisa, não lhes sendo explicitado o interesse principal, de modo a se obter sua fala natural, sem qualquer interferência; somente no final da entrevista foi revelado o interesse central da pesquisa sobre o aspecto linguístico do falar local.

A base de dados NORPOFOR foi constituída sob a responsabilidade da professora Aluíza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, que teve o auxílio de professores e alunos do Curso de Letras da referida Academia. Todos os entrevistadores receberam os mesmos direcionamentos e obedeceram aos critérios determinados para a gravação dos três tipos de registros: DID, D2 e EF. Araújo explica que os informantes no D2 são membros familiares ou amigos, o que tornou o tipo de inquérito menos formal, que no DID o grau de formalidade foi considerado intermediário, pela pouca intimidade entre informante e entrevistador e que, no tipo EF, em que a gravação ocorre em ambientes formais com maior grau de planejamento, o nível de formalidade é o mais alto, mas que a falta de intimidade entre pesquisador e informante foi suprida pela forma descontraída e natural com que as entrevistas foram conduzidas (ARAÚJO, 2011).

Nesta pesquisa, utilizamos apenas o registro do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), por denotar um tipo de fala relativamente natural, próxima do vernáculo, ficando numa zona intermediária do D2 em relação ao EF. O D2 não foi escolhido por demonstrar um grau de informalidade altíssimo (diálogos entre familiares ou entre amigos íntimos), ao ponto de os informantes sobreporem demais suas falas, discutirem, rirem muito, o que poderia prejudicar a nossa audição dos inquéritos. O tipo EF possui um grau de formalidade mais alto, não cobrindo assim, o objetivo dessa pesquisa.

Para qualquer um dos três tipos de inquéritos, a duração máxima é de 60 minutos, sendo que a maioria das gravações exprime esta duração. O tempo mínimo depende da modalidade de elocução; os DID e os D2 possuem, no mínimo, 45 minutos e as EF 25 minutos. No caso do DID, foram ouvidos 50 minutos dos 60 de todos os informantes de nossa amostra e foram desprezados os dez minutos iniciais de suas falas, no intuito de superarmos o paradoxo do observador, pois, de acordo com Labov (2008), após algum tempo de conversa com os informantes, eles tendem a esquecer que estão sendo gravados, distanciando-os da fala monitorada e aproximando-os do vernáculo.

No momento das audições dos inquéritos, para a coleta das ocorrências do nosso fenômeno, foi possível perceber que os informantes eram envolvidos de tal maneira nas conversas que o rompimento do constrangimento da situação de entrevista ocorria, até

mesmo, em alguns casos, antes dos dez primeiros minutos, mas decidimos padronizar todas as escutas para termos uma observação sistemática.

4.5 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

Nossa amostra foi constituída por 54 informantes do tipo Diálogo entre Informante e Documentador - DID, sendo 27 homens e 27 mulheres - 18 para cada faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante) e 18 para cada nível de escolaridade (zero - quatro anos, cinco - oito anos e nove -11 anos), do total de informantes do *corpus* NORPOFOR, como mostra o quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição dos informantes em nossa amostra, por gênero/sexo, idade e escolaridade

		Gênero/Sexo					
		Homem			Mulher		
Idade	Escolaridade	0-4 an	5-8 an	9-11 anos	0-4 an	5-8 an	9-11 anos
		15 a 25 anos	3	3	3	3	3
	26 a 49 anos	3	3	3	3	3	3
	50 em diante	3	3	3	3	3	3

Fonte: Elaboração pelo autor

O balanceamento na distribuição dos informantes por célula é de grande relevância na pesquisa variacionista. Por isso, decidimos analisar a variação do ditongo /ej/ em um *corpus* composto por uma grande quantidade de pessoas e que, na variedade do falar popular de Fortaleza, possui a distribuição de informantes por célula com melhor equilíbrio.

O perfil dos informantes de nossa amostra é o mesmo adotado para o projeto NORPOFOR:

São fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos e possuem residência fixa na capital, sendo todos esses critérios adotados para que não houvesse a interferência dos falares de outras regiões. (ARAÚJO, 2011, p.5).

Araújo (2011) observa que a condição socioeconômica dos informantes do NORPOFOR é baixa, considerando como indicadores para obtenção desse resultado a classe social, a profissão, o local de residência e o número de filhos dos investigados.

Na sequência, o quadro 4, elaborado com suporte nas informações que foram encontradas nas fichas dos informantes que compõem nossa amostra, traz a distribuição de cada um segundo a ordem dos informantes ouvidos, número do inquérito, sexo, idade, escolaridade, atividade profissional, bairro/regional (conforme os dados do censo 2000 do IBGE) de cada um na época:

Quadro 4 - Distribuição dos informantes da amostra por número do inquérito, sexo, idade, escolaridade, bairro, Secretaria Executiva Regional (SER) e atividade exercida.

Inform.	Nº do inquérito	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Bairro/Regional
1	6	M	60	0-4	Prendas do lar	Cristo Redentor/I
2	9	M	21	0-4	Prendas do lar	Jardim Iracema/I
3	10	M	34	0-4	Empregada doméstica	Bom Jardim/V
4	11	H	29	9 a 11	Mecânico	Vila Pery/IV
5	12	M	23	5 a 8	Autônoma	Barroso/VI
6	16	M	37	5 a 8	Doméstica	Mondubim/V
7	21	H	31	5 a 8	Vigilante	Jardim Iracema/I
8	26	H	73	0-4	Aposentado	Pirambu/I
9	29	H	34	5 a 8	Técnico em eletrônica	Vila Pery/IV
10	31	M	38	0-4	Prendas do lar	Castelão/VI
11	34	M	26	9 a 11	Empregada doméstica	Bom Jardim/V
12	36	H	15	0-4	Estudante	Farias Brito/I
13	38	H	16	5 a 8	Auxiliar de soldador	Granja Portugal/V
14	39	M	52	5 a 8	Prendas do lar	Antônio Bezerra/III
15	40	M	55	0-4	Prendas do lar	Antônio Bezerra/III
16	44	M	15	5 a 8	Estudante	Aerolândia/VI
17	45	H	63	0-4	Porteiro	Jardim Guanabara/I
18	46	H	58	9 a 11	Eletricista	Conjunto Ceará/V
19	47	H	23	5 a 8	Pedreiro	Pirambu/I

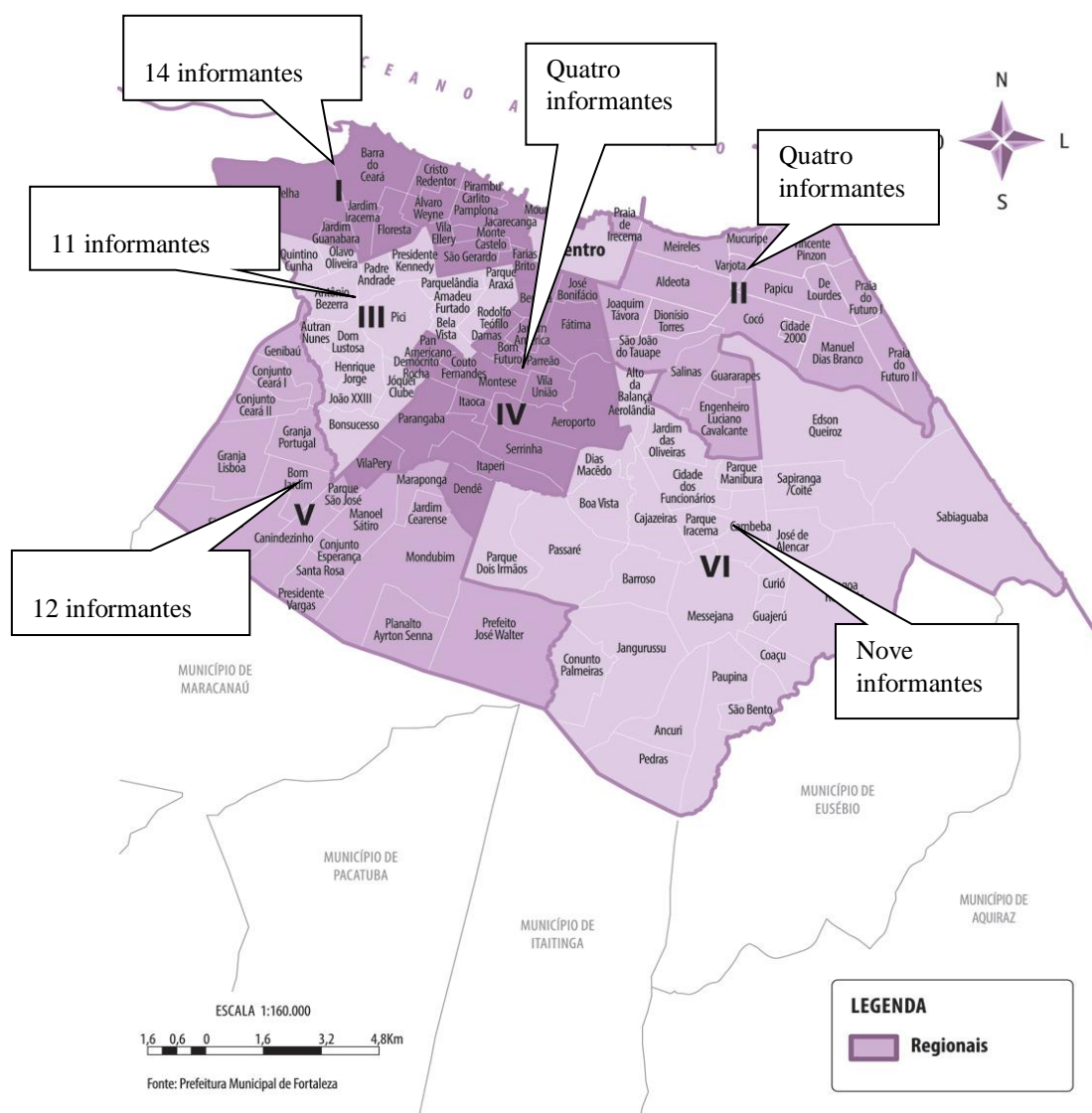
20	48	M	60	5 a 8	Operador de Máquina	Messejana/VI
21	53	M	57	5 a 8	Doméstica	Parque St. Rosa/V
22	54	H	33	5 a 8	Mergulhador	Meireles/II
23	56	H	15	9 a 11	Estudante	Aldeota/II
24	57	M	67	0-4	Prendas do lar	Jóquei Clube/III
25	58	H	52	9 a 11	Biscateiro	Barra do Ceará/I
26	59	H	24	9 a 11	Professor de reforço	São Gerardo/I
27	62	M	50	9 a 11	Pequena Empresária	Cidade 2000/II
28	63	M	37	9 a 11	Digitadora	Barra do Ceará/I
29	64	M	51	9 a 11	Prendas do lar	Cidade 2000/II
30	65	H	53	5 a 8	Motorista	Henrique Jorge/III
31	66	M	53	9 a 11	Artesã	Demóc. Rocha/IV
32	67	M	19	9 a 11	Desempregada	Jóquei Clube/III
33	68	M	17	9 a 11	Estudante	Henrique Jorge/III
34	69	M	34	5 a 8	Desempregada	Carlito Pamplona/I
35	70	M	15	0-4	Desempregada	São Cristóvão/VI
36	75	H	52	5 a 8	Vigilante	Conjunto Ceará/V
37	76	H	33	9 a 11	Téc. em informática	Pres. Kennedy/III
38	78	H	34	9 a 11	Segurança	Cristo Redentor/I
39	80	M	24	5 a 8	Prendas do lar	Antônio Bezerra/III
40	82	M	18	9 a 11	Estudante	Farias Brito/I
41	84	H	34	0 -4	Estofador	Conjunto Ceará/V
42	86	M	47	0 -4	Prendas do lar	Conjunto Ceará/V
43	95	H	75	0-4	Vigilante aposentado	Aerolândia/VI
44	102	M	25	0-4	Diarista	Barra do Ceará/I
45	103	H	34	0-4	Zelador	Messejana/VI
46	104	H	26	0-4	Pedreiro	Rodolfo Teófilo/III
47	105	M	38	9 a 11	Secretária esco	Jardim América/IV
48	110	H	25	9 a 11	Vendedor	Quintino Cunha/III
49	112	H	15	5 a 8	Estudante	Maraponga/V

50	130	M	39	5 a 8	Comerciante	Rodolfo Teófilo/III
51	148	H	57	5 a 8	Corretor de mo	Conjunto Ceará/V
52	149	H	76	9 a 11	Motorista	Aerolândia/VI
53	150	H	23	0-4	Garçom	José Walter/V
54	161	H	25	0-4	Auxiliar de pedreiro	Castelão/VI

Fonte: elaborado pelo autor

Verifica-se, no quadro 4, que todos os nossos informantes são provenientes das seis secretarias executivas da cidade de Fortaleza, sendo 14 pessoas da SER I, 4 da SER II, 11 da SER III, 4 da SER IV, 12 da SER V e 9 da SER VI. Relativamente à sua profissão, pode-se constatar que são profissionais de baixa-renda, estudantes, aposentados e desempregados. Para que se possa ter uma visão sintetizada da distribuição desses informantes por SER, ver Figura 2 a seguir.

Figura 2. Distribuição dos informantes nas regionais de Fortaleza



Fonte: Adaptado do Anuário de Fortaleza (2013)

4.6 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

4.6.1 Variável dependente

A variável dependente deste estudo é a realização do ditongo /ej/ em contexto CVC (consoante, vogal, consoante), tendo como variantes:

- monotongação, como em d[e]xei (NORPOFOR, DID 70); e
- manutenção do ditongo [ej], como em prim[ei]ro (NORPOFOR, DID 70).

4.6.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes desta pesquisa são nove, sendo seis linguísticas (contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e classe de palavras) e três sociais (sexo, escolaridade e faixa etária).

Os critérios para a escolha das variáveis linguísticas testadas foram estabelecidos com apoio no levantamento bibliográfico que fizemos sobre o comportamento do fenômeno em outras regiões do Brasil, detalhado na seção 2.1, ou seja, tais fatores foram escolhidos por terem sido relevantes em outras comunidades de fala do português brasileiro.

Em relação às variáveis extralinguísticas, o NORPOFOR expressa os dados estratificados, segundo o sexo, a faixa etária, o tipo de registro e a escolaridade, critérios estabelecidos pelo(s) pesquisador(es) antes de iniciar as gravações na Capital cearense. Destas variáveis, controlamos o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

4.6.2.1 Variáveis linguísticas

A seguir, apontaremos cada uma das variáveis linguísticas, ilustrando cada fator com dados do NORPOFOR.

a) Contexto fonético seguinte

Essa variável diz respeito ao contexto linguístico posterior à semivogal. Acreditamos, portanto, que a natureza do contexto posterior venha condicionar diretamente o processo de monotongação do ditongo /ej/, como observam Bisol (1994) e Farias e Oliveira (2003). Por isso, decidimos averiguar o comportamento dessa variável em nossa amostra, como segue:

- [p]* – sem ocorrência deste contexto na nossa amostra.²⁹
- [b]*
- [m] – queimadas (NORPOFOR, DID 70)
- [t] – ajeitar (NORPOFOR, DID 70)

²⁹ O * indica a ausência de ocorrência do contexto na nossa amostra.

- [d]*
- [f]*
- [v] – seiva
- [s] – dezesseis (NORPORFOR, DID 11)
- [z]*
- [l]*
- [n] – reino (NORPORFOR, DID 11)
- [k] – veiculados (NORPORFOR, DID 87)
- [l] *
- [ʒ] – beijo (NORPORFOR, DID 70)
- [r] – primeiro (NORPOFOR, DID 70)
- [ʃ] – deixei (NORPOFOR, DID 70)
- [h]*

b) Contexto fonético precedente

O contexto fonético precedente refere-se ao tipo de segmento que vem imediatamente antes do ditongo /ej/. Acreditamos que a natureza do contexto anterior não condicione a monotongação do ditongo /ej/. Carvalho (2007) aponta essa variável como motivadora do apagamento do *glide* /j/ e Araújo (2000) constata que, em quase todos os contextos, a taxa de frequência da monotongação é alta, indicando que a redução do ditongo [ej] ocorre independentemente do ambiente fonético anterior, ficando essa variável descartada em sua pesquisa. Deste modo, haja vista o contraste desses dois trabalhos, foram examinados os seguintes fatores:

- [p] – respeitava (NORPOFOR, DID 70)
- [b] – beijo (NORPOFOR, DID 70)
- [m] – primeiro (NORPOFOR, DID 70)
- [t] – teimando (NORPORFOR, DID 87)
- [d] – deixei (NORPOFOR, DID 70)
- [f] – feira (NORPOFOR, DID 70)
- [v] – veiculados (NORPORFOR, DID 87)
- [s] – seis (NORPORFOR, DID 70)
- [z] – azeite (NORPORFOR, DID 11)
- [l] – leitura (NORPOFOR, DID 70)
- [n] – janeiro (NORPOFOR, DID 95)

- [k] – queimadas (NORPOFOR, DID 70)
- [g] – nogueira (NORPOFOR, DID 26)
- [ʒ] – ajeitar (NORPORFOR, DID 70)
- [r] – direitinho (NORPORFOR, DID 70)
- [ʃ] – cheinha (NORPORFOR, DID 70)
- [h] – barreiras (NORPORFOR, DID 87)
- [ɲ] – banheiro (NORPOFOR, DID 70)

c) Tonicidade da sílaba

Meneghini (1983) verificou que, entre os fatores favorecedores da monotongação do ditongo /ej/, está a sílaba átona, ao passo que Araújo (2000) acentua ser a sílaba tônica um dos fatores que mais influenciam a regra. Portanto, decidimos verificar o comportamento dos fatores:

- tônica (jeito) – (NORPOFOR, DID. 65).
- átona (queimar) – (NORPOFOR, DID 45)

d) Extensão do vocábulo

Coelho e Naumann (1994) descobriram que a extensão da palavra (trissílabos) foi um condicionamento linguístico relevante para a supressão do ditongo, assim como Farias e Oliveira (2003) obtiveram como resultados polissílabos e Farias (2008) os trissílabos e polissílabos. No intuito de confirmar ou não o que os outros estudos mostram a respeito da regra examinada, controlamos os seguintes fatores:

- monossílabo (seis) – (NORPOFOR, DID. 95)
- dissílabo (queijo) – (NORPOFOR, DID. 16)
- trissílabo (primera) – (NORPOFOR, DID. 95)
- polissílabo (ajeitando) – (NORPOFOR, DID. 148)

e) Natureza morfológica

Toledo (2011) verificou que o radical condiciona a regra, já Cabreira (1996) observou que a natureza morfológica (radical) favorece o apagamento de [j]. Em razão disso, analisamos os seguintes fatores:

- radical (seis) – (NORPOFOR, DID. 95)
- sufixo (coqueiro) – (NORPOFOR, DID. 95)

f) Classe de Palavras

Amaral (2005) e Toledo (2011), ao testarem a variável classe de palavras (verbos e não verbos), constataram que os nomes favoreceram a monotongação. Por isso, testamos também a influência dos seguintes fatores sobre a regra:

- nomes (madeira) – (NORPOFOR, DID. 75)
- verbos (deixa) - (NORPOFOR, DID. 65)
- numerais (primeiro) - (NORPOFOR, DID 16)
- advérbios (primeiramente) - (NORPOFOR, DID. 26)

4.6.2.2 Variáveis extralinguísticas

a) Sexo

As pesquisas sociolinguísticas previamente expressas neste trabalho demonstram que o sexo, por exemplo, é fator condicionante do tipo de fenômeno que pesquisamos, sendo os homens os maiores favorecedores da monotongação. O termo sexo utilizado em nossa pesquisa, assim como em outros estudos de base sociolinguística-variacionista, leva em conta o que dispõe o banco de dados utilizado (no caso, o NORPOFOR), ou seja, na ficha social do informante, eles respondiam apenas se pertenciam ao sexo masculino ou feminino, por isso aqui nossa preferência será pelo termo sexo.

Embora os termos sexo e gênero sejam alvos de debates profundos, nossa pesquisa não cuida do fator sexo como uma elaboração social. Portanto, não há que se discutir neste trabalho sobre a sexualidade dos informantes, pois tal discussão em nada contribuiria para a descrição do fenômeno focalizado.

Araújo (2000) confirma que os homens monotongam mais o ditongo /ej/ do que as mulheres, mantendo a supressão ao envelhecerem, enquanto Cabreira (1996) nota que o sexo feminino é muito favorecedor da regra. Tais afirmações nos instigam a averiguar como se comporta essa variável na fala de homens e mulheres de nossa amostra.

b) Faixa etária

Sobre a variável idade, a literatura demonstra ser este um fator de suma importância, pois é, com base no modo como o fenômeno se comporta nas distintas faixas-etárias da vida, e pela seleção ou não dessa variável pelo programa estatístico, que o pesquisador poderá, em um recorte de tempo aparente (nosso tipo de estudo), verificar se há mudança linguística em progresso ou se é um caso de variação estável.

Silva (1997) constatou que a faixa etária C (56-70 anos) é altamente influenciadora da monotongação e Amaral (2005) verifica que os mais jovens usam mais a regra da redução do ditongo do que os mais velhos (mais de 50 anos). Assim, vamos averiguar como se realiza a regra de acordo com a faixa etária: (I: 15 a 25 anos; II: 26 a 49 anos; e III: a partir dos 50 anos).

c) Escolaridade

A respeito do fator escolaridade, por ser um banco de dados de fala popular, menos monitorada, e a literatura correlacionar o termo popular a pessoas que não possuem nível superior, ou seja, que exprimem uma fala menos culta e também por apontar esta variável como motivadora da monotongação, o NORPOFOR é, portanto, apropriado para este tipo de pesquisa, por ser composto de informantes com graus de instrução que variam de zero a quatro anos, cinco a nove anos e nove a 11 anos de estudo, fatores controlados e analisados em nosso trabalho.

Coelho e Naumann (1994) exprimem que os falantes do ginásio e do primário, ou seja, os menos escolarizados, empregam mais a redução do ditongo, bem como Cabreira (1996) acentua também que a pouca escolaridade (primário) é um fator muito relevante para a supressão do ditongo /ej/. Araújo (1999) nota que os menos escolarizados monotongam mais. Assim sendo, decidimos averiguar o comportamento dos seguintes níveis de escolaridade: zero a quatro anos de estudo; cinco a oito anos de estudo e nove a 11 anos de estudo.

4.7 COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, a audição foi feita por nós³⁰, de todas as entrevistas, por pelo menos duas vezes cada gravação, das quais foram obtidos os itens lexicais com ditongo [ej] ou com sua forma monotongada, no contexto CVC (consoante, vogal, consoante); ou seja, com a vogal protegida por consoantes, tanto no ataque silábico, quanto na posição de coda.

Em seguida, transcrevemos, foneticamente cada item. Depois, foram atribuídos símbolos para cada item transcrito, com base em uma chave de codificação (ver apêndice A), para que fosse possível submeter os dados ao programa GoldVarb X (2005). Abaixo, seguem ilustrações de ocorrências codificadas no nosso arquivo de dados:

(mrk+3snhv0 kok[ero (NORPOFOR, DID 95;

(mxp+2rnhv0 pexe (NORPOFOR, DID 26);

³⁰ Audição efetuada exclusivamente por Marcus Rodney Portela Cysne, autor desta pesquisa.

(mrf+2rnma0 fera (NORPOFOR, DID 10);
 (mrt+3rnha0 ítera (NORPOFOR, DID 84).

Após a codificação e a inserção dos dados no GoldVarb X, iniciamos as rodadas estatísticas.

Na seção seguinte, apresentamos o programa estatístico utilizado nesta pesquisa.

4.8 O PROGRAMA ESTATÍSTICO: GOLDVARB X

Para que possamos justificar a escolha do programa GoldVarb X nas análises estatísticas necessárias à nossa pesquisa, no lugar de utilizarmos outro método, como o SPSS, que também produziria resultados mais ou menos semelhantes aos do GoldVarb X, resolvemos exprimir algumas características peculiares que, de acordo com Guy e Zilles (2007), fazem dele a opção mais apropriada para o sociolinguísta: 1ª - é destinado à estruturação dos dados próprios da linguagem natural, permitindo-nos testar células, cuja distribuição não é equilibrada; 2ª - tolera operar análises com células contendo apenas um dado ou dado nenhum; 3ª - possibilita o manuseio e a recodificação dos dados nele mesmo, algo que é muitas vezes difícil, demorado e inconveniente de se fazer em programas como o SPSS.

Ademais, antes de apontar em detalhes os aspectos relevantes do programa GoldVarb X, entendemos ser importante mencionar sobre o percurso dos modelos matemáticos adotados por Labov na quantificação dos dados obtidos em seus primeiros estudos, os quais foram evoluindo, na medida em que passaram de um padrão aditivo a modelos multiplicativos de aplicação e não aplicação de uma dada regra, envolvendo interpretações probabilísticas que substituíram frequências por probabilidades, criados por Henrietta Cedergen e David Sankoff, em 1974 (SALOMÃO, 2011).

Em 1978, no entanto, com Pascale Rousseau e David Sankoff, após aperfeiçoamentos, chegou-se ao padrão logístico, que engloba propriedades anteriores e acrescenta a noção de peso relativo (P.R.)³¹, sendo este último o estalão adotado até hoje em

³¹ "PESO RELATIVO": O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é "relativo" ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input. Por exemplo, se no total dos dados, a variante tem frequência de 70% e os homens na amostra a usam com frequência de 80%, enquanto as mulheres a usam numa taxa de 60%, então, relativamente ao uso geral, os homens favorecem

estudos variacionistas, o qual trabalha com a regressão logística, com o cálculo de desvio da média ponderada. A regressão logística é um fixo utilizado para investigar, dentro de um conjunto de possíveis variáveis independentes contínuas ou discretas, quais estão associadas à ocorrência da variável dependente discreta. Nas análises sociolinguísticas, o desvio da média ponderada é chamado de peso relativo (probabilidade).

Tais estudos possuem dimensão quantitativa bastante complexa, denominada análise da regra variável, que consiste em um tipo que objetiva separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. O Varbrul/GoldVarb X colabora para estabelecer uma chave matemática dos dados e tal modelagem é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na Estatística, que articula vários resultados numa visão geral e testável de como funciona um sistema inteiro, equiparado aos trabalhos realizados na Física, o que facilita a atividade teórica do linguista (GUY; ZILLES, 2007).

Logo, a análise estatística desta pesquisa foi realizada sob a promoção do programa computacional GoldVarb X, desenvolvida por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), versão atualizada do VARBRUL (em inglês *Variable Rules Analysis*), que é um conjunto de programas especificamente estruturados para acomodar dados de variação Sociolinguística. O VARBRUL, bem como todas as suas versões, opera com análise multivariada, o que nos possibilitou investigar situações em que a variável (dependente) linguística em estudo recebe influência das variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007), permitindo a obtenção de resultados estatísticos mais consistentes, que vão além da frequência de uso (percentual), apresentando a seleção dos grupos de fatores relevantes ao fenômeno em estudo pelo peso relativo (P.R.) de cada um.

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 49-50), este tipo de análise quantitativa “vai envolver a contagem das ocorrências da variável, a descrição de tendências e da extensão da variabilidade, bem como das restrições ou fatores que a influenciam, mediante métodos estatísticos.” Para os autores, neste tipo de análise, cada fator terá um ‘peso’ (‘valor do fator’ ou ‘probabilidade), ou seja, um número de zero a 1, indicando respectivamente em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. O peso a que se referem os autores é o peso relativo, relativo a cada um dos fatores em análise, com a finalidade de determinar valores singulares.

(porque estão acima de 70%) e as mulheres desfavorecem (porque estão abaixo de 70%). (GUY E ZILLES, 2007, p.239)

No Varbrul, a média dos valores para todos os fatores de cada grupo deve ser igual a 0,5, ou seja, a média é ponderada. Tais valores devem ser interpretados conforme o seguinte padrão: se o valor fornecido pelo programa for acima de 0,5, indica que o fator favorece a aplicação da regra em variação, ao passo que um valor abaixo de 0,5 implica o seu desfavorecimento e, no caso de um valor (P.R.) ser precisamente igual a 0,5, corresponderá a um fator que não exerce influência na regra. (GUY; ZILLES, p. 41, 2007). Ao utilizar a média ponderada pelo número de dados empíricos de que se dispõe para cada fator, esse modelo logístico não atribui o mesmo peso para cada grupo de fator, a fim de se evitar que fatores com poucos dados denotem grande influência no cálculo (SCHERRE; NARO, 2012. p.23).

Com esse programa, é possível obter o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, a frequência de aplicação da regra e o peso relativo (P.R.), realizar cruzamentos entre fatores, fazer amálgamas entre fatores (junção de fatores em um só) que possuam similaridade linguística ou social e quantitativa (frequência de uso ou peso relativo), excluir fatores e ainda criar grupos de fatores.

As análises efetuadas pelo programa nesta pesquisa possibilitaram que fossem levantadas as frequências de uso de cada variante de todos os fatores das variáveis independentes em análise, momento em que foi possível visualizar o nocaute³², identificar os caminhos para simplificar a análise e evitar perda de tempo com rodadas irrelevantes. Nas análises binomiais, excluídos os nocautes, foi possível realizar rodadas *step up* e *step down*, explicadas adiante.

No caso de ocorrer nocaute, situação que impede o programa GoldVarb X de continuar com as rodadas estatísticas, deve-se proceder à retirada destes. Assim sendo, é preciso saber o que fazer quando há nocautes. Há duas maneiras de eliminar o fator com nocaute: a) amalgamá-lo a outro, desde que sejam semelhantes do ponto de vista linguístico ou social; b) retirá-lo da rodada; c) desconsiderá-lo no grupo de fatores, mantendo a ocorrência na análise. Esta última opção foi a estratégia que utilizamos neste estudo.

Ainda tratando de análise estatística de células, no GoldVarb X, há possibilidade de ocorrer o *singleton group*, expressão aplicada para situações em que se registram ocorrências para um só fator dentro de um grupo. Neste caso, deve-se eliminar o grupo, do mesmo modo como ocorre com o nocaute, dado que o referido programa estatístico não progride nas análises com ocorrências de *singleton group* ou nocaute. Quando resta apenas

³² Nocaute é um fator que corresponde a uma frequência de 0% ou de 100% (categórica à aplicação da regra), exatamente o tipo de dado que impede que prossigamos com a análise estatística.

um fator no grupo, a variável tem que ser excluída da análise, pois o GoldVarb X não roda com grupo que contém apenas um fator (GUY; ZILLES, 2007).

O programa também poderá fornecer, a casa rodada, o *input* que diz respeito à probabilidade de ocorrência da variante em análise ou o ponto de referência para o fenômeno variável, com valores que variam de 0-1, significando que, quanto mais próximo de 1, mais provável o efeito do fator no contexto em análise. (GUY; ZILLES, 2007)

Guy e Zilles (2007) explicam que a estatística de significância é expressa em termos de probabilidade, cujo critério de significância arbitrado varia de 0,05 a 0,01, implicando “[...] rejeitar a hipótese nula quando ela tem menos de uma chance em vinte ($p < 0,05$) ou menos de uma chance em cem ($p < 0,01$) de ser verdadeira” (p. 96), o que em pesquisas de natureza sociolinguística quantitativa é considerado o critério mais comumente utilizado, assim como nas pesquisas em Ciências Sociais. Como explicam os autores, “[...] (este é o critério *default* na versão atual do Varbrul)” (p.96), do qual o GoldVarb X faz parte. Essa margem de erro de 5% (0,05), convenção previamente arbitrada, implica afirmar que, se o nível de significância for acima deste valor, os resultados não são considerados estatisticamente significativos ou confiáveis.

Para cada rodada de análise, foi realizado o Teste de Verossimilhança Máxima (*maximum likelihood*) ou Logaritmo de Verossimilhança (*log likelihood*), que é um número calculado pelo programa Varbrul/GoldVarb X para indicar o grau de probabilidade ou a qualidade de aproximação entre o modelo e a geração dos dados observados.

Outra vantagem do GoldVarb X é que, na análise binomial o programa já seleciona a melhor rodada e revela, em níveis, os dados/grupos de fatores mais favorecedores do fenômeno analisado. Essa avaliação que o programa faz, contudo, só é possível depois que ele realiza as interações e verifica se há convergência na interação (*convergence at interaction*).

Retomando sobre as rodadas *step up/step down*, o GoldVarb X oferece esta opção de fazer rodadas (análises) que testam a significância de cada grupo de fatores, e o mais interessante é o fato de o programa trabalhar em diversos níveis de análises, efetuando comparações sucessivas e progressivas entre as várias variáveis independentes e projetando pesos relativos para os seus respectivos fatores. A este processo, dá-se o nome de rodada *step up*, que começa no nível zero, projetando o *input*, depois segue para o nível 1, comparando cada uma das variáveis com a média global corrigida, ou *input*, e, então, segue sucessivamente até que as variáveis independentes inseridas não sejam mais selecionadas por não conterem relevância estatística (SCHERRE; NARO, 2012, p. 165).

Em seguida, feita a seleção das variáveis relevantes, o programa inicia o processo inverso, chamado de *step down*, atribuindo pesos relativos a todos os fatores de todas as variáveis independentes em um só nível de análise, realizando a *prova dos nove* dos resultados obtidos nas rodadas *step up* (SCHERRE; NARO, 2012, p. 165).

Portanto, como consideram Guy e Zilles (2007), o GoldVarb X é um expediente valioso e seguro para a realização de análises estatísticas, muito embora seja da responsabilidade do pesquisador descobrir quais os fatores relevantes para a sua análise linguística, assim como é dele

a tarefa de levantar e codificar corretamente os dados empíricos. Em função disto e, sobretudo, cabe ao investigador interpretar os resultados sob a perspectiva da teoria sociolinguística, pois a Ciência Linguística avança com base no que as análises linguísticas dos números podem trazer para o entendimento das línguas humanas.

No capítulo seguinte, analisamos e discutimos os resultados encontrados nesta pesquisa.

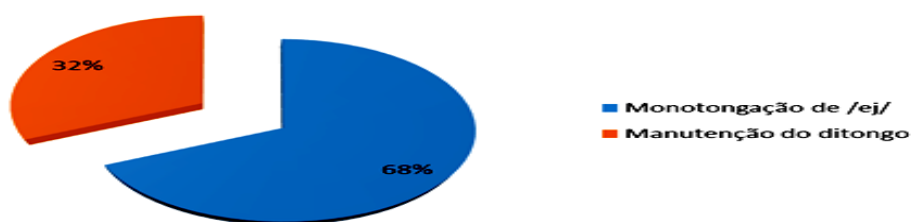
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 RODADAS EXPERIMENTAIS

5.1.1 Primeira rodada

De um total de 1491 dados, na primeira rodada, 1020 (68%) favoreceram a monotongação de /ej/, ao passo que 471 (32%) mantiveram o ditongo, o que revela a prevalência do uso do monotongo em detrimento de sua manutenção, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2- Frequência de uso das variantes analisadas



Fonte: elaboração do autor

Nesta rodada, ainda não foi possível saber quais fatores estariam favorecendo a regra, já que uma análise univariada, de acordo com Guy e Zilles (2007), é suscetível aos possíveis resultados considerados ineficientes de qualquer método que não controle variáveis intervenientes, pois ainda não expressa os pesos relativos de cada variável independente.

Na primeira rodada³³, ocorreram nocautes nos seguintes grupos de fatores: contexto fonético seguinte, contexto fonético anterior, natureza morfológica, classe de palavras e extensão do vocábulo, como é possível verificar nas tabelas de 1 a 6.

³³ Os outros grupos de fatores que não se mostraram categóricos nesta rodada não foram descritos nem analisados aqui, mas faremos isso nas rodadas posteriores.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo contexto fonético seguinte.

Fatores	Aplicação ³⁴ /Total	%
[j]	126/126	100 *knockout
[ʒ]	21/21	100 *knockout
[g]	1 de 1	100 *knockout

Fonte: Elaboração do autor

Os fatores do contexto fonético seguinte que se comportaram de forma categórica, ou seja, favorecendo a monotongação, foram: as fricativas palato alveolares [ʒ] (21/21), com ocorrências como qu[e]jo (inq. 16) e f[e]jão (inq. 58) e [j] (126/126), com ocorrências como p[e]xe (inq.26) e d[e]xar (inq. 148); assim como a oclusiva velar [g], sendo este último fator revelado com apenas uma ocorrência (mant[e]ga), que foi nocauteado, como mostra a tabela 1. Vale frisar, no entanto, que a palavra *manteiga* (inq. 54) apareceu na forma reduzida, como mencionada por Veado (1983) e Paiva (1996), contradizendo a regra, uma vez que o monotongo tende a ser inibido quando seguido de velar.

Ainda a respeito do contexto fonético seguinte, há mais quatro fatores [s], [t], [m], [tʃ] que se apresentaram categóricos para a manutenção do ditongo, como se verifica na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo contexto fonético seguinte.

Fatores	Não Aplicação ³⁵ /Total	%
[s]	180/180	100 *knockout
[t]	248/248	100 *knockout
[m]	7/7	100 *knockout
[tʃ]	29/29	100 *knockout

Fonte: elaboração do autor

No intuito de exemplificar os fatores de não aplicação ao monotongo expostos na tabela 2, selecionamos algumas ocorrências e seus respectivos inquéritos: Para [s] - seis (inq. 95), dezesseis (inq. 65), leis (inq. 11), automóveis (inq. 56), seiscentos (inq. 84); para [t] - direito (inq. 26), prefeito (inq. 65), jeito (inq. 148), enfeite (inq.84), leitura (inq. 57); para [m] - teima (inq. 44), teimosinha (inq. 64), queimei (inq. 16), queimando (inq. 45) e para [tʃ] - direitinho (inq. 65), leite (inq.40), azeite (inq.11), enfeite (inq. 64).

³⁴ O termo Aplicação se refere ao uso da regra de monotongação do ditongo [ej].

³⁵ A dicção Não Aplicação indica a manutenção do ditongo.

No contexto fonético anterior, houve nocaute no sentido de favorecer o monotongo em 5 fatores: [b], [n], [ɲ], [g], [ʃ], conforme tabela 3, casos em que o número de dados de cada um foi muito pequeno, com exceção de [ɲ], que contabilizou 192 ocorrências, mas que expressou uma grande repetição de vocábulos, como: banh[e]ro, dinh[e]ro, Para os outros fatores categóricos, as ocorrências foram: para [b] - b[e]jando (inq.10), b[e]jo (inq. 38); para [n] - jan[e]ro (inq. 95), torn[e]ra (inq.62); para [ɲ] – dinh[e]ro (inq. 45), banh[e]ro (inq. 06); para [g] – nog[e]ra (inq.95), zag[e]ro (inq.161); para [ʃ] – ch[e]ro (inq.21), macax[e]ra (inq. 161).

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo contexto fonético anterior.

Fatores	Aplicação /Total	%
[b]	22/22	100 *knockout
[n]	37/37	100 *knockout
[ɲ]	192/192	100 *knockout
[g]	12/12	100 *knockout
[ʃ]	13/13	100 *knockout

Fonte: elaboração do autor

No terceiro grupo de fatores, natureza morfológica, o sufixo se revelou categórico, com 191 ocorrências para o monotongo, conforme tabela 4. Para ilustrar algumas ocorrências dois itens lexicais que foram objeto de nocaute, selecionamos: coqu[e]ro (inq. 95) e cinz[e]ro (inq.10). Com esse resultado inicial, é divisado o fato de que esse grupo se caracteriza como um *singleton group*³⁶, o que nos obrigou a excluir esse grupo de fatores da rodada seguinte (2ª rodada), já que o programa não efetua análise variável com um fator só no grupo.

Tabela 4 - Distribuição das ocorrências com nocaute no grupo natureza morfológica.

Fatores	Aplicação/Total	%
Sufixo	191/191	100 *knockout

Fonte: Elaboração do autor

O quarto grupo de fatores que também se revelou com nocaute foi a classe de palavras, com o subfator (advérbios) selecionado, também com pouquíssimos dados, apenas

³⁶ Quando resta apenas um fator no grupo, a variável tem que ser excluída da análise, pois o **GoldVarb X** não roda com grupo que contém apenas um fator (GUY; ZILLES, 2007).

oito ocorrências: prime[Ø]ramente (inq. 26), prime[Ø]ramente (inq. 84), finanse[Ø]ramente com duas ocorrências (inq. 130), finanse[Ø]ramente (inq. 105), prime[Ø]ramente (inq. 11) prime[Ø]ramente (inq. 59), verdade[Ø]ramente (inq.110) como vemos na tabela 5.

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências com nocaute para o grupo classe de palavras.

Fatores	Aplicação/Total	%
Advérbios	8/8	100 *knockout

Fonte: Elaboração do autor

Fatores com poucos dados podem causar distorção nos resultados, dando uma falsa impressão ao pesquisador de que aquele fator é favorecedor, quando, na verdade, não o é, por não ser estatisticamente relevante e, portanto, devendo ser desprezado.

O quinto grupo a indicar nocaute foi extensão do vocábulo, em que os monossílabos se revelaram categóricos para a **não aplicação** da regra variável, ou seja, favorecedores da manutenção do ditongo /ej/, como pode ser constatado na tabela 6. Destacamos três ocorrências que ilustram vocábulos de uma sílaba que não se monotongam: seis (inq. 06), leis (inq. 11), reis (inq.11).

Tabela 6- Distribuição das ocorrências com nocaute para o grupo extensão do vocábulo.

Fatores	Não Aplicação ³⁷ /Total	%
Monossílabos	64/64	100 *knockout

Fonte: Elaboração do autor

Portanto, para a primeira rodada, mostramos os fatores que revelaram um comportamento categórico a favor do monotongo, com exceção do fator monossílabos que se mostrou mantenedor do ditongo e uma variável que apontou um *singleton group*. Nestes casos, o Goldvarb X fica impossibilitado de prosseguir com a análise estatística, já que o programa só trabalha com dados em variação. De tal modo, decidimos retirar os fatores com nocaute e a variável com *singleton group* da análise. Tal decisão permitiu que pudéssemos realizar novas rodadas e prosseguir com as análises.

A esse respeito, Guy e Zilles (2007) nos ensinam como eliminar fatores que em nada contribuem com a pesquisa, pois o investigador da área de Sociolinguística Variacionista

³⁷ A expressão Não Aplicação indica a manutenção do ditongo.

precisa ter o faro apurado ao analisar os números oferecidos pelo programa estatístico, a fim de obter resultados mais seguros do ponto de vista probabilístico.

Optamos pela estratégia de manter os dados na rodada, retirando-os apenas do grupo de fatores. Desse modo, os dados foram analisados para os efeitos de todas as outras variáveis, mas o grupo desprezado, que produz o nocaute, é desconsiderado pelo programa.

As frequências reveladas nesta rodada são o ponto de partida para as demais rodadas, contudo, o pesquisador não pode se dar por satisfeito com os resultados apenas da frequência de uso da regra variável, já que esta não dá conta de descrever com exatidão o comportamento de fenômenos em variação.

Guy e Zilles (2007) argumentam que há algumas estratégias que o pesquisador pode adotar para resolver o problema dos nocautes, como, por exemplo, verificar a quantidade de dados com nocautes. Em geral, os supostos nocautes são casos de fatores com poucos dados, que não refletem a realidade, como ocorreu em seis variáveis dos grupos de fatores (contexto fonético seguinte, contexto fonético anterior, natureza morfológica e classe de palavras) das tabelas de 1 a 4, como foi verificado na primeira análise. Os autores explicam que, além dos nocautes meramente aparentes, há os verdadeiros, aqueles em que o fator expressa muitos dados, como no caso de fatores do contexto fonético seguinte e do âmbito fonético anterior, como ocorreu nesta análise, preliminar. Guy e Zilles (2007) ainda definem, por pretextos práticos, que muitos dados são considerados acima de 30.

5.1.2 Segunda rodada

Após a retirada dos nocautes, na segunda rodada, o programa GoldVarb X selecionou, como favorecedoras da monotongação, as seguintes variáveis: contexto fonético seguinte, contexto fonético anterior, extensão do vocábulo e classe de palavras.

Em seguida foram realizadas as interações multivariadas de todos os grupos de fatores, em que o programa GoldVarb X realiza análises *step up* e *step down* (ver seção 4.6.) e nos fornece os *inputs* para cada nível de análise, de modo a prosseguirmos com uma avaliação mais precisa do que os dados nos revelam.

Vimos que alguns desvios ocorreram em certos fatores, como diferenças estratosféricas nos valores dos *inputs* em cada nível da rodada, variaram de .685 a .999 de um nível para o outro. Além dos *inputs* alterados, os pesos relativos dos fatores do contexto fonético anterior foram alvo de alterações, mostrando-se favorecedores da supressão do ditongo.

Evidencia-se, portanto, o fato de que o tepe [r] no contexto fonético seguinte se mostrou influenciador da monotongação. O tepe mostra-se quase categórico na aplicação da forma monotongada, confirmando os resultados obtidos deste contexto nos estudos de Veado (1983) Meneghini (1983), Bisol (1994), Cabreira (1996), Araújo (2000), Lopes (2002), Farias e Oliveira (2003), Silva (2004), Carvalho (2007), Farias (2008), Santos e Chaves (2010), Toledo (2011) e Araújo (2013).

Há, portanto, correlação entre o fator tepe e a aplicação da regra. Como observado pelos autores citados há pouco, a alta influência do [r] decorre do fato de esse segmento consonantal possuir o maior número de propriedades fonéticas (vocálicas) partilhadas com a semivogal do ditongo /ej/, ou seja, essa consoante provoca o espraiamento dos traços coronais [+soante] e [+contínuo] que são compartilhados pelo segmento vizinho ao glide, favorecendo a monotongação, como em *dinh[ej]ro* ~ *dinh[e]ro*; *brasil[ej]ro* ~ *brasil[e]ro*; *terr[ej]ro* ~ *terr[e]ro*. (BISOL, 1994).

Vale esclarecer, entretanto, que o motivo de o tepe no contexto fonético seguinte não se haver revelado totalmente categórico na primeira análise, apresentando 99.5% de frequência, se deu pela ocorrência de dois itens lexicais não monotongados que aparecem duas vezes, cada um em dois inquéritos, a saber: *int[ej]rir* (Inq. 54 – DID) e *est[ej]ra* (Inq. 48 - DID), ou seja, de 863 dados deste contexto, 859 aplicam a monotongação, restando quatro ocorrências em que a regra não é aplicada. Isto pode resultar do fato de que tivemos dificuldade na audição destas palavras, pois a dicção dos informantes não favoreceu nossa escuta, mesmo as tendo ouvido repetidas vezes. Na dúvida, então, optamos pela manutenção do ditongo.

A despeito dos resultados gerados na segunda rodada, o tepe [r] no contexto fonético seguinte se manteve aliado da regra, com o mesmo percentual da primeira rodada e agora com P.R. de (0.525), juntamente com os fatores do contexto fonético precedente e seus respectivos pesos relativos, como [d] (.997), [f] (.683), [k] (.860); [p] (.891) e [r] (.622), que se revelam altamente favorecedores da monotongação, conforme a tabela 7.

Tabela 7 - Atuação das variáveis contexto fonético seguinte, contexto fonético anterior, extensão do vocábulo e classe de palavras

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Contexto fonético seguinte			
[r]	859/863	99.5	0.525
Contexto fonético anterior			
[d]	191/ 202	94.6	0.997
[f]	71/ 138	51.4	0.683

[k]	23/27	85.2	0.860
[p]	17/49	34.7	0.891
[r]	35/90	38.9	0.622
Extensão do vocábulo			
Dissílaba	221/314	70.4	0.911
Classe de palavras			
Nomes	724/969	74.7	0.593

Fonte: Elaboração do autor

Os dois contextos fonéticos (seguinte e anterior) mostraram-se influenciadores da monotongação, no entanto, o aumento dos valores nos pesos relativos do contexto fonético anterior e *input* elevado, quase 1, quando feitas as interações, existindo o grupo de fatores contexto fonético seguinte, indicaram que ele, de fato, interfere no precedente, alterando os seus valores, ou seja, o programa só selecionou os fatores do contexto precedente na segunda rodada por conta da existência do tepe do contexto fonético seguinte. Em outras palavras, quando retiramos o grupo de fatores contexto fonético seguinte, nenhum dos fatores do contexto fonético precedente foi selecionado como influenciador do monotongo.

Ilustramos, com dados de nossa amostra, alguns dos itens lexicais do contexto fonético precedente que pareciam ser favorecedores do fenômeno (brinca[deir]a (Inq, 59), [feir]a (Inq. 21), co[queir]o (Inq. 95), feve[reir]o (Inq, 75), gara[peir]o) (Inq. 65), mas que, na verdade, não eram. Nota-se que, diante do sufixo –eiro/a, a regra é categórica, portanto, há uma falsa impressão de que o contexto fonético precedente - [d], [f], [k], [p] e [r] - beneficie a regra, mas, na verdade, seus fatores só se revelam aliados da monotongação havendo o tepe no segmento seguinte.

Outros dois grupos de fatores também foram selecionados pelo GoldVarb X na segunda rodada: extensão do vocábulo (dissílabas) com P.R. (.911) e classe de palavras (nomes) com P.R. (.593), como mostrados na tabela 4. As palavras dissílabas são altamente influenciadoras, o que também decorre de vocábulos que contêm o tepe, como b[e]ra (Inq, 95).

Esta análise indicou como resultados no *step up* 24, o *input* de 0.999, cujas variáveis selecionadas foram: contexto fonético seguinte ([r]), contexto fonético precedente ([d], [f], [k], [p], [r]), extensão do vocábulo (dissílaba) e classe de palavra (nomes). Observando a interação dos grupos de fatores contexto fonético seguinte e o contexto fonético precedente, e, confirmada a sobreposição desses fatores, seguiu-se com a terceira análise.

5.1.3 Terceira rodada

O contexto fonético anterior foi retirado desta análise, já que admitia os influxos contexto fonético subsequente, ao ponto de alterar demasiadamente os valores dos pesos relativos de seus fatores.

Os resultados da terceira rodada mostram os seguintes grupos de fatores como relevantes: o contexto fonético seguinte (tepe), a classe de palavras (verbos), a extensão do vocábulo (dissílabas) e um novo grupo é revelado, a tonicidade das sílabas (átonas), como na tabela 8.

Tabela 8 – Atuação das variáveis contexto fonético seguinte, classe de palavras, extensão do vocábulo e tonicidade

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
[r]	859/863	99.5	.524
Verbos	134/274	48.9	.819
Dissílaba	221/314	70.4	.942
Átona	148/303	48.8	.747

Fonte: Elaboração do autor

Nota-se, portanto, que houve diferença dos resultados entre estas duas rodadas, ou seja, na segunda, em classe de palavras, são os nomes que favorecem o fenômeno em questão. Há sobreposição de fatores, contudo, ao passo que, na terceira rodada, sem o grupo contexto fonético anterior, o grupo classe de palavras atua favorecendo a regra, mas, dessa vez, com os verbos atuando sobre o fenômeno.

Ademais, a tonicidade ainda não havia surgido, na realidade, até a terceira rodada, porém, com a retirada do grupo que recebia influência, o contexto fonético anterior, as palavras átonas (tonicidade) manifestaram-se como fatores de aplicação da variante monotongada. Estes resultados, no entanto, ainda não foram convincentes, pois, embora os pesos relativos de verbos e átonas fossem altos, a frequência desses fatores era abaixo de 50% e as ocorrências de não aplicação da regra por esses fatores foram maiores do que para a aplicação.

Na terceira rodada, o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up* 20, que apresentou o *input* 0.999, valor que nos fez duvidar de que essa fosse a análise mais confiável, haja vista que esta medida do uso geral do fenômeno foi quase 1, implicando alto favorecimento da regra de redução do iode pelos fatores revelados nesta rodada, exposto

na tabela 7. Supusemos, então, que o tepe ainda permanecia influenciando na rodada, revelando-nos fatores aparentemente não confiáveis para o modelo de análise desta pesquisa.

Como as duas últimas análises ainda não haviam satisfeito o propósito deste estudo - já que, como o tepe no contexto fonético seguinte se mostrou praticamente categórico, desde o início - precisávamos saber como se comportariam as outras variáveis sem interagirem com esse grupo. A segunda e terceira rodadas foram, portanto, descritas com o objetivo de demonstrar o caminho até a análise que consideramos a mais robusta (que se mostrou na quarta rodada).

Isso posto, decidimos checar se os outros fatores selecionados como favorecedores, além do tepe no contexto fonético seguinte, permaneceriam os mesmos e favorecendo o monotongo. Assim sendo, executamos a 4ª rodada, como está detalhado no item 5.2.

5.2 QUARTA RODADA (MELHOR ANÁLISE)

Esta rodada foi considerada a mais importante, porque revelou mudanças significativas no panorama analítico em curso. As variáveis consideradas relevantes para a monotongação, por ordem de relevância, foram: classe de palavras, extensão do vocábulo, tonicidade e escolaridade.

O melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up* 19, que indicou o *input* 0.710, diferente dos valores de *input* 0.999 mostrados nas análises preliminares (2ª e 3ª rodadas). O valor do *input* expresso para essa rodada pode ser considerado mais realista, portanto é um valor mais confiável, já que não exprime mais influência das variáveis contexto fonético seguinte e contexto fonético anterior. O grupo contexto fonético seguinte que ainda permanecia até a terceira rodada por ser altamente favorecedor da supressão da semivogal [j], quase categórico, influenciando o grupo de fatores contexto fonético anterior, confirmando o que diz a literatura sobre esse contexto na aplicação da regra, foi retirado. O objetivo desta análise foi o de avaliarmos melhor a atuação das outras variáveis sobre a monotongação, de modo a alcançarmos o objetivo principal, que é o de descrevermos o comportamento variável do ditongo [ej] em contexto CVC no falar popular de Fortaleza. Para isto, desprezamos o contexto categórico do tepe, como pode ser constatado nos subitens 5.2.1 à 5.2.4 e suas respectivas tabelas de 9 a 12, a seguir.

5.2.1 Classe de palavras

A classe de palavras é apontada como primeiro grupo favorecedor da monotongação de /ej/, revelando o fator nomes, cujo peso relativo foi de (0.545). Foram apontados como desfavorecedores da regra os fatores numerais (0.494) e verbos (0.350), conforme a tabela 9. O resultado para o fator aliado da regra está de acordo com os estudos de Amaral (2005) e Toledo (2011), que também mostra os *não verbos* como relevante para a redução do ditongo [ej].

Tabela 9- Atuação da variável classes de palavras

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Classes de palavras			
Nomes	724/969	74.7	0.545
Numerais	154/240	64.2	0.494
Verbos	134/234	48.9	0.350

Fonte: Elaboração do autor

Este resultado decorre, inicialmente, do fato de os nomes serem uma classe maior do que outras, como numerais e advérbios. Os verbos não foram selecionados porque o ditongo em análise está protegido pelo padrão silábico consoante-vogal-consoante (CVC), portanto, em verbos como *sei, deixei, trabalhei*, o ditongo está em posição final, ou seja, a sua manutenção é categórica, portanto não fazem parte do escopo desta análise. Além disso, a quantidade de verbos é quatro vezes menor do que de nomes, por isso acreditamos que o programa não tenha selecionado o fator "verbos" como favorecedor da monotongação.

5.2.2 Extensão do vocábulo

O segundo grupo de fatores relevante foi a extensão do vocábulo que mostrou o fator dissílabas (0,548) como aliado da regra, confirmando o que Coelho e Naumann (1994), Paiva (1996), Araújo (2000), Farias e Oliveira (2003) e Farias (2008) constataram em seus estudos. Não podemos dizer, entretanto, o mesmo dito por eles, ou seja, que à medida em que o vocábulo aumenta o seu tamanho, ocorre mais o monotongo, pois o GoldVarb X não selecionou outro fator desse grupo como trissílabas (0.499) ou polissílabas (0.448), cujos pesos foram menores do que (.500), situação que deixa de fora os dois fatores em relação ao condicionamento a favor do monotongo. Verifica-se, também, na tabela 10, que não há um escalonamento dos fatores para que se possa fazer alguma relação entre eles.

Tabela 10 – Atuação da variável extensão do vocábulo

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Dissílaba	221/314	70.4	0.548
Trissílaba	622/843	74.8	0.499
Polissílaba	177/270	65.6	0.448

Fonte: Elaboração do autor

Os resultados expostos na tabela 10 não incluem os monossílabos, contudo esse fator foi controlado na análise inicial e se mostrou categórico (nocaute), exprimindo 100% de frequência para manutenção do ditongo (ver tabela 5). Portanto, este fator não foi selecionado, por serem vocábulos sujeitos a menores possibilidades de supressão, já que a perda de segmentos fônicos nestas palavras pode acarretar mais facilmente o aparecimento de homônimas (PAIVA, 1996).

Além dos monossílabos, os trissílabos prim[e]ro (inq. 65), terc[e]ro (inq. 45) e os polissílabos quebrad[e]ra (inq.95), gelad[e]ra (inq.16) também não se mostraram favorecedores nesta rodada, pelo fato da maior frequência do tepe no contexto fonético seguinte em vocábulos mais longos, como os numerais trissílabos.

Indicamos duas ocorrências do fator dissílabas qu[e]jo (inq.16) e f[e]ra (inq.65) que, na melhor análise, desprezados os grupos de fatores contextos fonético seguinte e contexto precedente, revelaram os vocábulos da classe nomes dissílabos, somente eles, os favorecedores da monotongação neste grupo de fatores.

5.2.3 Tonicidade

A variável tonicidade revelou-se como quarto grupo relevante da monotongação na nossa melhor análise, indicando que o fator sílaba tônica (0.522) favorece a regra, enquanto o fator sílaba átona (0.338) a inibe, como evidenciado na tabela 11. O comportamento do fator tônica converge para os resultados de Araújo (1999), Araújo (2000) e Carvalho (2007).

Tabela 11- Atuação da variável tonicidade

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tônica	872/1188	73.4	0.522
Átona	148/303	48.8	0.338

Fonte: Elaboração própria

Este fator denota condutas distintas em outros estudos levantados nesta pesquisa. Meneghini (1983), Silva (2004) e Amaral (2005), ao contrário dos nossos resultados, apontaram as sílabas átonas como as que mais propiciaram a monotongação. Já Paiva (1996) e Cabreira (1996) assinalam que a tonicidade não foi fator relevante em seus estudos.

Assim sendo, o resultado sobre a tonicidade nesta pesquisa contraria o que Câmara Jr. (1997) nos ensina sobre o assunto, quando o estruturalista estabelece um correlato físico para a monotongação se realizar. O autor explica que a tonicidade é intensiva e, portanto, as sílabas tônicas são expiradas com maior força do que as átonas, fazendo com que a perda do segmento seja mais comum em sílabas átonas.

5.2.4 Escolaridade

A escolaridade foi a quarta variável eleita pelo programa estatístico como favorecedora da monotongação de [ej]. Verifica-se, na tabela 12, que a menor escolaridade, ou seja, a de nenhum a quatro anos de estudo (.558) se mostrou ser a única que favorece a regra. Esse fator também se manifestou como favorável à monotongação nos estudos de Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996), Lopes (2002), Silva (2004) e Araújo (2013).

Tabela 12- Atuação da variável escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
0-4 anos	336/463	72.6	0.558
5- 9 anos	344/520	66.2%	0.469
9-11 anos	340/508	66.9%	0.479

Fonte: Elaboração do autor

Como é possível verificar na tabela 12, o apagamento acontece mais entre informantes com nível de escolaridade entre zero a quatro anos, fato indicador de que, quanto mais exposto ao código escrito, à pressão da norma exercida no âmbito escolar, mais condicionada é a pessoa à retenção do ditongo na fala. Para os outros níveis de escolaridade - 5-9 e 9-11 - os P.Rs foram (0.469) e (0.479), respectivamente, demonstrando que são fatores desfavorecedores da regra.

5.3 RODADA SÓ PARA OS POUCO ESCOLARIZADOS

Com o intuito de verificar como o fenômeno se comporta em uma análise feita só para os pouco escolarizados (zero a quatro anos), realizamos mais uma rodada, como é possível verificar na tabela 13. O resultado foi a manutenção dos grupos de fatores já revelados na nossa melhor análise, a quarta rodada, com percentuais e dados probabilísticos aproximados, porém a ordem de relevância muda: tonicidade (tônica), extensão do vocábulo (dissílaba) e classe de palavras (nomes), ao passo que, na quarta, a ordem foi classe de palavras, extensão do vocábulo, tonicidade e escolaridade. Na quinta rodada, o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up* 11, que apontou *input* 0.780, ao passo que, na rodada anterior (quarta rodada), o melhor nível de análise escolhido pelo programa, no *step up* 19, apresentou o *input* 0.710.

Tabela 13 - Atuação das variáveis tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavra para os pouco escolarizados

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tônica	294/370	79.5	0.574
Dissílaba	63/78	80.8	0.681
Nomes	246/300	82.0	0.561

Fonte: Elaboração do autor

As diferenças de valores mostrados nessa rodada, quando comparadas com as do anterior, estão relacionadas a ordem dos fatores (tonicidade, extensão e classe de palavras), número de ocorrências, percentuais e pesos relativos. Na quarta rodada, o grupo de fatores classe de palavras foi selecionado como o primeiro favorecedor da regra, com P.R. 0.545, ao contrário do que foi demonstrado nesta rodada, quando este fator se localizou em último posto e peso 0.561. Para o grupo de fatores tonicidade, nesta rodada, ele mostrou-se mais favorecedor do que na quarta análise, apresentando-se em primeiro lugar, com P.R. 0.574, ao passo que, na anterior, este apareceu como quarto grupo favorável e peso 0.522. Por último, o fator extensão do vocábulo permanece com o mesmo grau de relevância para ambas as rodadas, apontando P.R. 0.548 na quarta rodada e 0.681 para a quinta. O aumento do peso relativo para extensão do vocábulo (dissílabas) nesta rodada, quando comparado o P.R. do mesmo fator na quarta, ratifica a relevância desse fator para a ocorrência do fenômeno.

6 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, analisamos o comportamento variável do ditongo /ej/ em contexto CVC (consoante-vogal-consoante) na norma oral popular do fortalezense, com base em dados de fala do *corpus* NORPOFOR, coletado de 2003 a 2006, tendo como suporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Como hipótese geral, assumimos a ideia de que o fortalezense monotonga mais no padrão silábico CVC diante de tepe no contexto fonético seguinte.

Como hipóteses secundárias, supúnhamos que a supressão da semivogal [j] fosse favorecida, principalmente por:

- a) fatores linguísticos (tepe nos contextos fonéticos anterior e posterior, extensão do vocábulo (trissílabas e polissílabas), classe de palavras (verbos e não verbos), tonicidade da sílaba (sílabas tônicas, natureza morfológica (radical)); e
- b) fatores extralinguísticos, como escolarização (0-4 anos); idade (15-25 anos) e sexo (homens).

Além dessas duas hipóteses, ainda defendíamos que a monotongação fosse um caso de mudança linguística em curso a favor do monotongo.

Para que pudéssemos testar essas hipóteses, submetemos os dados a um tratamento quantitativo, utilizando o programa estatístico GoldVarb X. Chegamos a alguns resultados significativos no concernente à monotongação na primeira análise, sendo que alguns sustentam nossas hipóteses e outros as refutam, como indicamos a seguir:

- a) o fenômeno da supressão do ditongo /ej/ na amostra examinada é condicionado pelas variáveis: classe de palavras (nomes), extensão do vocábulo, tonicidade (tônica) e escolaridade (0-4) e
- b) encontramos, como variáveis sociais não condicionantes, sexo e faixa etária. O fato de a idade não ter exercido influência sobre a supressão do iode mostra não haver uma mudança linguística em progresso, pois o embate entre as duas variantes, no nosso estudo, se mostrou latente, apontando uma frequência de uso maior para a redução do ditongo (68%) e menor para a sua manutenção (32%). Esses dados mostram que a monotongação de /ej/ no falar popular de Fortaleza é um caso de variação estável.

Ao efetuarmos a segunda rodada, contudo, constatamos a superposição de fatores, pois alguns dos itens lexicais do contexto fonético precedente, que pareciam ser favorecedores do fenômeno, na verdade não eram. Notamos que, diante do sufixo -eiro/a, a regra se mostrou

categórica. Portanto, houve falsa impressão de que o contexto fonético precedente - [d], [f], [k], [p] e [r] - beneficiava a regra, mas, na verdade, seus fatores só se revelavam aliados da monotongação na presença do tepe no segmento seguinte. Assim sendo, desprezamos o contexto fonético anterior da rodada.

Prosseguimos, então, com a terceira rodada, que exibiu o *input* 0.999, valor que nos fez duvidar de que essa fosse a análise mais confiável, pois a medida do uso geral do fenômeno foi quase 1, indicando o favorecimento alto da regra de redução do iode pelos fatores revelados nesta rodada. Desse modo, retirou-se o contexto fonético seguinte (tepe) da rodada seguinte, a quarta rodada, revelada como a melhor análise do nosso estudo, por não receber influência de um fator que se mostrou quase categórico como o tepe.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-47.

ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da província do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ARAÚJO, Aluíza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2000.

_____. **O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. A monotongação do ditongo [ej] no projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma abordagem variacionista. **Revista Confluência** (Revista do Instituto de Língua Portuguesa), *Liceu Literário Português*, n. 44-45, 1. e 2. semestres de 2013, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/edpdf/44-45.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. **A alternância /ei/ e /e/ no português falado na cidade de Caxias, MA**. 1999. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000224337>. Acesso em: 22 ago. 2014.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Ed. 49. Edições Loyola, São Paulo: 2006.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (orgs.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2009, p.34-49.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: **PROCEEDING OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE**, 1964. **Sociolinguistics**. 3 ed. Mouton, The Hague, 1966.

BRUNO, Artur; FARIAS Airton de. **Fortaleza: 285 anos**. Disponível em: <http://www.arturbruno.com.br/images/conteudo/file/cartilhaHFortaleza.pdf>
Acesso em: 11 jun. de 2015.

_____. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: INESP, 2011.

CABREIRA, Silvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. 1996. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 26. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1997. 124p

CARVALHO, Solange Carlos de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, PE.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and Its Social Significance**, 3rd ed. Oxford, UK, and Cambridge, US: Wiley-Blackwell, revised ed. 2009.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

COELHO, Izete Lehamkuhl; NAUMANN, Isaura Maria Longo. A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA e ENSINO I. **Anais...** Maceió, 1994, p. 211-16.

COELHO, Paula M. Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação lingüística no livro didático de português**. 2007. 151. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARIAS, Airton de. **História da sociedade cearense**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2004.

_____. **História do Ceará: dos índios à geração cambéba**. Fortaleza; Tropical, 1997.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Distribuição geo-sociolinguística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará**. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, PA. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>. Acesso em: 19 out. 2014.

_____. Maria Adelina Rodrigues de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v.

9, n. 27, p. 188-199, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/27.html>. Acesso em: 09 set. 2014.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 108-121, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/13405/10095>. Acesso em: 20 ago. 2015

_____. Dermeval. da; PEDROSA, Juliene. L. R. (Org.). **Projeto variação linguística no Estado da Paraíba – VALPB**. João Pessoa: Idéia, 2001. 5 v.

IBGE. Cidades: Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230440&search=ceara|fortaleza>. Acesso em: 15 nov. de 2015.

LABOV, William. **The Logic of Nonstandart English**. 1972. p. 202

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON C. B.; TUCKER G. R. (Ed.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003, p. 234-250.

_____; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas of North American English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Backwell Publishers, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Oxford: Backwell Publishers, 2010. Maria Auxiliadora. As razões de uma cidade. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. 97f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MENEGHINI, Francisco Militão. **O fenômeno da monotongação em Ibiacá**. 1983. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Alegre, RS.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: Maria Cecília Mollica; Maria Luiza Braga. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 147-178

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 219-236.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no Português Falado em Tubarão (SC): estudo de Casos**. 2004. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, SC, 2004. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/73807_Gerusa.pdf. Acesso em: 12 mar. 2015.

A POLÊMICA sobre a fundação de Fortaleza. Fortaleza em fotos. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/08/a-polemica-sobre-fundacao-de-fortaleza.html>. Acesso em: 09 nov. 2015.

RIBEIRO, Denise Aparecida Sofiati de Barros. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. 1990. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPR, Curitiba, PR. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24427/D%20-%20RIBEIRO,%20DENISE%20APARECIDA%20SOFIATI%20DE%20BARROS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 set. 2014.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE), 2011.

SANTOS, Francisca Luana da Costa; CHAVES, Lindinalva Messias. O processo da monotongação nos falares de Plácido Castro (AC). **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 16, n. 46, Supl. p. 100-115, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/46sup/11.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2009. 279p.

SILVA, Edila Vianna da. **A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses**. Graphos. João Pessoa: UFPB, v. 2, n.1, p. 43-53, jan. 1997.

_____. Levantamento de bancos de dados e sua contribuição para o conhecimento e a difusão do português. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: difusão da língua portuguesa**, n. 39, p. 155-165, 2009.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In HORA, Dermeval da. **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: CNPq/ILAPPEC/VALPB, 2004. p.29 – 44.

SILVA, Daniel Marra da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Acesso em: 13 jul. 2014.

SILVA FILHO, Antonio. Luiz Macêdo. **Fortaleza**: imagens da cidade. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre**. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>. Acesso em: 15 out. 2014.

VEADO, Rosa Maria Assis. Redução de ditongo: uma variável sociolinguística. **Ensaio de Linguística**. Belo Horizonte (MG), ano v, n. 9, p. 209 - 229, dez.1983.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICES

APENDICE A - Chave de Codificação da Monotongação

Variável dependente

1- Monotongação de [ej]: m

Manutenção do ditongo: d

Variáveis independentes

2- Contexto fonético seguinte

- [p] - {
- [b] - [
- [m] - m
- [t] - t
- [d] - }
- [f] -]
- [v] - v
- [s] - s
- [z] - <
- [l] - l
- [n] - n
- [k] - k
- [g] - g
- [ʒ] - j
- [r] - r
- [ʃ] - x
- [h] - >
- [tʃ] - w

3- Contexto fonético precedente

- [b] - b
- [m] - m
- [t] - t
- [d] - d
- [f] - f
- [v] - v
- [s] - s
- [z] - z

- [l] – l
- [n] – n
- [k] – k
- [g] =
- [ʒ] – J (Contextos mais relevantes em maiúsculo)
- [r] – R
- [ʃ] – X
- [h] – h
- [p] – p
- [ɲ] – y (consoante nasal palatal)

4- Tonicidade da sílaba

Tônica: +

Átona: -

5- Extensão do vocábulo

monossílaba: 1

dissílaba: 2

trissílaba: 3

polissílaba: 4

6- Natureza morfológica

-radical: feitiço

-sufixo derivacional: feiticeira

7- Classes de palavras

Nomes: n (substantivos e adjetivos)

Verbos: v deitar

Numerais: 9 primeiro

Advérbios: a

8- Sexo

Homens: h

Mulheres: m

9- Faixa etária

I: 15 a 25 anos: j

II: 26 a 49 anos: a

III: a partir dos 50 anos: v

10- Escolaridade

0 a 4 anos: 0

5 a 8 anos: 5

9 a 11: 9

ANEXOS

ANEXO A - Tabela dos Símbolos Fonéticos Utilizados nesta Pesquisa (2005)

the international phonetic alphabet (2005)

consonants (pulmonic)	LABIAL		CORONAL				DORSAL				RADICAL		LARYNGEAL
	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Palato-alveolar	Retroflex	Alveolo-palatal	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Epi-glottal	Glottal
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ		ŋ	ɴ			
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ		k ɡ	q ɢ		ʔ	ʔ
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ	ʕ	ħ	ʕ
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j		ɰ				
Tap, flap		ⱱ		ɾ		ɽ							
Trill	ʙ			ʀ						ʀ			
Lateral fricative				ɬ ɮ		ɮ	ɬ		ɮ				
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ		ʟ				
Lateral flap				ɺ		ɺ							

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a modally voiced consonant, except for murmured ʕ. Shaded areas denote articulations judged to be impossible. Light grey letters are unofficial extensions of the set.

consonants (non-pulmonic)

clicks	implosives	ejectives
ʘ Bilabial fricated	ɓ Bilabial	ɛ' examples:
ǀ Laminar alveolar fricated ("dental")	ɗ Dental or alveolar	ɸ' Bilabial
ǃ Apical (post)alveolar abrupt ("retroflex")	ɠ Retroflex	t' Dental or alveolar
ǂ Subapical retroflex	ʄ Palatal	k' Velar
ǁ Laminar postalveolar abrupt ("palatal")	ɟ Velar	tɬ' Lateral affricate
ǁ Lateral alveolar fricated ("lateral")	ɠ Uvular	s' Alveolar fricative

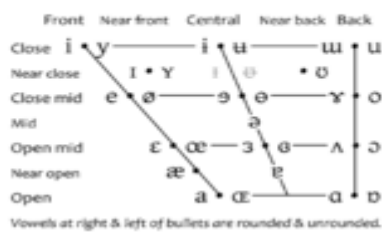
consonants (co-articulated)

- ɱ Voiceless labialized velar approximant
- ɰ Voiced labialized velar approximant
- ɰ Voiced labialized palatal approximant
- ɧ Simultaneous x and ʃ (existence disputed)
- ɥ Affricates and double articulations may be joined by a tie bar

brackets

- ʎ morphophonemic
- /phonemic/
- [phonetic]
- <orthographic>

vowels



suprasegmentals

- ˈ Primary stress
- ˌ Secondary stress [ˌfoʊnəˈtʃən]
- ː Long
- ˑ Short
- ˑˑ Syllable break
- ˑˑˑ Linking (no break)
- ˑˑˑˑ Intonation
 - ˑˑˑˑ Minor (foot) break
 - ˑˑˑˑ Major (intonation) break
 - ˑˑˑˑ Global rise
 - ˑˑˑˑ Global fall

(tone)

- ˦ level tones
 - ˦ Top
 - ˨ High
 - ˨ Mid
 - ˨ Low
 - ˨ Bottom
- ˦˨ contour tones (e.g.)
 - ˦˨ Rising
 - ˨˦ Falling
 - ˨˦ High rising
 - ˦˨ Low rising
 - ˦˨ High falling
 - ˨˦ Low falling
 - ˦˨ Peaking
 - ˦˨ Dipping
- ˦˨˦˨ tone terracing
 - ˦˨˦˨ Upstep
 - ˦˨˦˨ Downstep

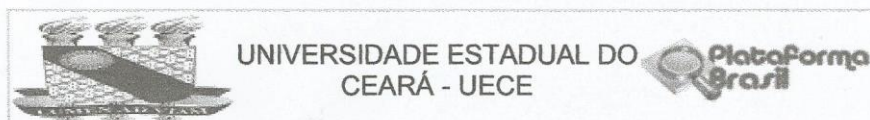
diacritics

Diacritics may be moved to fit a letter, as β or ɟ. Other letters may be used as diacritics of phonetic detail: ɾ (fricative release), ʙ (breathy voice), ɱ (glottalized), ɰ (epenthetic schwa), ɰ* (off-glide), ɰ (compressed).

SYLLABICITY & RELEASES	PHONATION	PRIMARY ARTICULATION	SECONDARY ARTICULATION
ɳ ɳ̥	Syllabic	ɳ̥ ɳ̥	ɳ̥ ɳ̥
ɰ ɰ̥	Non-syllabic	ɰ̥ ɰ̥	ɰ̥ ɰ̥
tʰ h̥	(Pre)aspirated	tʰ ɰ̥	tʰ ɰ̥
d̥	Nasal release	ɰ̥ ɰ̥	ɰ̥ ɰ̥
d̥	Lateral release	ɰ̥ ɰ̥	ɰ̥ ɰ̥
t̥	No audible release	ɰ̥ ɰ̥	ɰ̥ ɰ̥
ɰ̥	Lowered (β is a bilabial approximant)	ɰ̥ ɰ̥	ɰ̥ ɰ̥

Fonte: [http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_\(C\)2005.pdf](http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_(C)2005.pdf)

ANEXO B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética (CEP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza.

Pesquisador: MARCUS PORTELA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 43663515.7.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ FUNECE

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.115.320

Data da Relatoria: 19/06/2015

Apresentação do Projeto:

A monotongação do ditongo [ej] é um fenômeno constante entre os fortalezenses e consiste na redução do ditongo a uma simples vogal, ocorrendo através da supressão do glide [j], como ilustrado nas formas: bejo, dexe, enfermera, retiradas do nosso corpus. O presente estudo objetiva analisar o comportamento variável do ditongo /ej/ no português oral popular de Fortaleza a partir de inquéritos do projeto Norma Oral do Português Popular da capital cearense (NORPOFOR). Para tanto, será utilizado o modelo teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também conhecido por Sociolinguística Quantitativa, cujo objetivo é descrever o fenômeno a ser estudado a partir das relações existentes entre as estruturas linguísticas e os fatores extralinguísticos, realizando cruzamentos estatísticos e interpretando-os.

Objetivo da Pesquisa:

Estão devidamente descritos.

Geral:

Analisar o comportamento variável do ditongo /ej/ no português oral popular de Fortaleza sob a perspectiva variacionista.

Específicos:

- a) Analisar os fatores linguísticos (contexto fonético seguinte ao ditongo, contexto fonético

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** anavaleska@usp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.115.320

anterior ao ditongo, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e posição do elemento seguinte quanto à sílaba);

b) Averiguar os fatores extralinguísticos (faixa etária, sexo e escolaridade) que influenciam no apagamento do glide /j/ no falar popular dos fortalezenses e;

c) Verificar se esse fenômeno encontra-se em variação estável ou se o fenômeno é um caso de mudança linguística em progresso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Todos os riscos e benefícios estão claramente descritos.

Riscos:

Embora em nossa pesquisa não haja contato pessoal com os entrevistados, pois serão apenas realizadas transcrições fonéticas das palavras, pronunciadas pelo informante, que apresentem o fenômeno analisado a partir do banco de dados de projeto anterior (NORPOFOR), esclareço que os riscos vislumbrados podem vir a ser: (a) as informações coletadas no decorrer do estudo não serem utilizadas em favor da ciência e do bem estar dos sujeitos envolvidos; (b) as informações colhidas da fala dos informantes não serem utilizadas para os objetivos de pesquisa já explicitados acima; (c) as informações não serem guardadas em sigilo e o anonimato dos sujeitos não seja preservado, ou seja, se o pesquisador deixar escapar o nome do informante ou de seus amigos e familiares em uma das transcrições apresentadas no corpo da dissertação. Vale salientar que, o objeto de nossa análise é a massa de dados estatísticos apresentada pelo programa computacional que será alimentado por codificações resultantes das transcrições fonéticas. Assim, o programa computacional já recebe os dados codificados. Por isso, não haverá nenhuma exposição de trechos da fala do informante que possam identificá-lo. Portanto, os riscos citados anteriormente serão extintos haja vista que o pesquisador se compromete a resguardar o sigilo e o anonimato dos indivíduos, utilizando os dados para os objetivos de pesquisa em favor da ciência e do bem estar dos sujeitos envolvidos.

Benefícios:

Contribuição para o ensino de língua materna; Contribuição para o ensino do português como língua estrangeira; Colaboração com a descrição do português falado no Brasil, registrando e sistematizando as "inovações/mudanças" linguísticas para que se faça um provável percurso da história das línguas; A monotongação de ditongos é um fenômeno bastante recorrentes no falar fortalezense, o que amplia o conhecimento sobre o falar cearense. A descrição do português

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

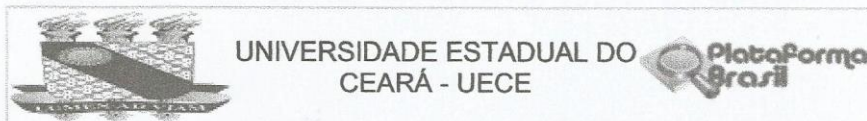
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.115.320

falado na capital cearense ampliará a descrição do português falado no Brasil.

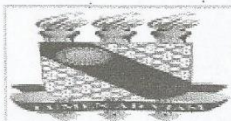
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante para a área de linguística, que contribuirá para a compreensão e o ensino de língua portuguesa falada no Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Quanto ao TCLE:
 - Foi apresentada justificativa para dispensa de TCLE, pois não haverá contato com os indivíduos. O estudo pretende avaliar um banco de dados de um projeto anterior.
- Quanto ao Termo de Fiel Depositário
 - Foi apresentada em documento de word, com texto apropriado, mas sem assinatura.
- Quanto a Folha de rosto:
 - Contém a assinatura do pesquisador responsável
 - Contém a assinatura e carimbo do responsável pela instituição a onde se realizará a pesquisa.
- Quanto a Carta de Anuência:
 - O número de cartas de anuência corresponde ao número de instituições onde será realizada a pesquisa.
 - Está descrito o título da pesquisa e o nome do pesquisador principal.
 - Está descrito na carta de anuência exatamente o que será realizado na instituição.
 - Apresenta o carimbo da instituição e assinatura do responsável.
- Quanto ao cronograma:
 - Adequado
- Quanto ao orçamento:
 - Adequado

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
 Bairro: Itaperi CEP: 60.714-903
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3101-9890 Fax: (85)3101-9906 E-mail: anavaleska@usp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.115.320

Recomendações:

Providenciar assinatura do termo de fiel depositário.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 19 de Junho de 2015

ACP

Assinado por:
Ana Carina Stelko-Pereira
(Coordenador)



Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi CEP: 60.714-903
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 Fax: (85)3101-9906 E-mail: anavaleska@usp.br